

# QUARTA DIMENSÃO

O TEMPO DA PALAVRA E OUTROS  
TEMPOS

Poemas

Cada livro é a marca ou o  
signo de um outro.

Danièle Chauvin



Ercília Macedo-Eckel

# QUARTA DIMENSÃO

O TEMPO DA PALAVRA E OUTROS  
TEMPOS

1ª edição

Goiânia  
Kelps, 2005

Copyright © 2005 by Ercília Macedo-Eckel

*Concepção e esboço da capa*

**Ercília Macedo-Eckel**

*Quadrado. Figura humana e do quadrado, de uma taça:*  
Bergen, Noruega, século IX [O quadrado central].

*Arte Final da Capa:*

**Bia Barros**

*Digitação*

**Susany Lourenço Silva**

*Diagramação:*

**Bia Barros**

CIP. Brasil. Catalogação - na - fonte  
BIBLIOTECA MUNICIPAL MARIETTA TELLES MACHADO

M119q      Macedo-Eckel, Ercília  
              Quarta dimensão: O tempo da palavra e outros tempos./ Ercília  
              Macedo-Eckel. - Goiânia: Kelps, 2005

136p.

1. Literatura Brasileira - Poesia. I. Título.

2005-17

CDU: 821.134.3 (81)-1

Todos os direitos reservados, sem permissão por escrito da Autora.

Conforme Lei nº 9610/98, artigo 184 do Código Penal.

IMPRESSO NO BRASIL

*Printed in Brazil*

2005

Para Dolcy Caiado de Castro – minha ex-professora de Matemática (!) no velho Liceu da Cidade de Goiás – que me iniciou na arte de declamar poemas em grandes festas naquele Salão Nobre.

*In memoriam.*

Para o Grupo Kadóz de Poesia, na pessoa de Miguel Jorge.



## Sumário

**Prefácio:** Do tempo com poesia

Heloísa Helena de Campos Borges ..... 11

### **1ª Parte**

Gênesis revisitado ..... 19

Poeta ..... 23

Meditação sobre Pirapora ..... 24

Intertextualidade ..... 25

Tempestades de verão ..... 26

Cantiga de temporada ..... 29

A uróboro ..... 31

### **2ª Parte**

Bodas ..... 35

Florálias ..... 36

Devaneio ..... 37

A dança das rosas ..... 37

Haicai ..... 38

Viagem ..... 38

Poema cromático ..... 39

Linhas lúdicas ..... 40

A mulher e a estrela ..... 42

Desobriga poética .....	45
Prenúnciação .....	45
Ser filho .....	46
Cantiga de amigo .....	47
Ode à Ada .....	50
Um Tiago canto .....	52

### **3ª Parte**

Sonho .....	61
Nel mezzo del cammim... .....	62
Ritual do beijo quántuplo .....	63
A rosa de Goiânia .....	64
Palma dos mártires .....	66
Reencontro casual .....	68
Do outro lado da náusea .....	69
Dança dos sentidos .....	73
Como é tua casa? .....	74
Desvendamento .....	75
Coisa nossa .....	78
Antropovisão .....	80
Cavalgada com desvio .....	81
Balada do barato .....	83
Poema de natal .....	85

### **4ª Parte**

Labirinto improdutivo – MSP .....	91
Canto e reza dos agricultores .....	92
Reza profanada .....	98
Curral .....	99
Nonagenária .....	100



Maníaco por xadrez .....	102
Em busca da palavra.....	103
A mulher e o rato .....	104
Luz indireta .....	105
Imagem de fim .....	106
A chave do abismo .....	107
A mulher-aranha .....	110
A tetraktys .....	112

## **Apêndice**

Estiagem .....	117
Gavião .....	118
Verde-limo .....	119
Círios e velas .....	120
Penitência .....	121
Argonautas .....	121
Luar de maio .....	124
Dunas .....	124
Cantos .....	125
A poeta e as górgonas .....	127
Estações .....	127
Contratempo .....	130
Aragem .....	130
Ufanismo.....	131
Olhos como entrada .....	132
Alfa .....	133
Ascensão e retorno .....	133



## PREFÁCIO

### Do tempo com poesia

Heloisa Helena de Campos Borges\*

**Quarta dimensão** — o tempo da palavra e outros tempos\_ é o nome do livro de poemas de Ercília Macedo-Eckel. E diga-se, título esse, nada simples.

Para bem compreendê-lo, desdobrei-o por partes. Primeiro, indagando das possibilidades da palavra dimensão. Em seguida, do sentido da classificação.

A palavra dimensão origina-se do latim *dimensio*, de *metiri*: medir. Consta nos dicionários como grandeza real, que determina a porção de espaço ocupada por um corpo. Também, grandeza mensurável conforme uma direção ou em relação às outras dimensões. E ainda, eixo de significação de sentidos figurados, onde coincidem dimensões, aparentemente distanciadas e opostas, tais como as dimensões do concreto e do simbólico, da sensualidade e do mito.

Segundo a Teoria da Relatividade, um ramo da Física Moderna, a quarta é a dimensão do tempo, ou melhor, do espaço-tempo. Nessa dimensão, conceitos antes admitidos

como absolutos tornam-se variáveis e os fenômenos, que nela têm lugar, são considerados o resultado de uma teia de relações, que inclui, além do tempo e do espaço, também o referencial observador, provando que a relatividade no tempo está associada a uma relatividade no espaço.

Este suporte de explicações autoriza-me dizer que **Quarta dimensão\_ o tempo da palavra e outros tempos** é um livro de relações. Relação da autora com outros autores, da autora com os leitores, da autora como leitora de ontem, de hoje.

Sendo um lugar, onde há o cruzamento de escrituras poéticas, esse livro é também um momento de reciprocidade, quando versos de ontem ecoam nos versos de hoje para entoar o seu canto, que não é um canto solitário, pois acontecendo em quarta dimensão.

No âmbito dos estudos literários, esta polifonia chama-se intertextualidade.

Portanto, bastante acertado é o pensamento de Danièle Chauvin, que se encontra nas primeiras páginas:

*“Cada livro é a marca ou o signo de um outro”.*

**Quarta dimensão** possui quatro partes. Cada qual com sua respectiva epígrafe, que aponta, um de cada vez, os elementos básicos responsáveis pela explosão da Vida: água; ar; fogo e terra. Esses elementos transparecem nos versos, por meio de um poético processo alquímico, que causa a transmutação. O resultado disso nas palavras: uma adequada e expressiva manifestação do que se deseja externar.

Sem fugir do diálogo textual, característica maior do livro, acontece igualmente um interessante diálogo imagético entre epígrafes e poemas. Assim, quando a citação fala de líquidos, a palavra poética também se liquefaz:

*Eu sou ninguém  
se sou mudo  
mas se sou palavra  
sou caudaloso  
abro-me em fontes  
(...)  
não minto ao fingir no peito  
a fluidez do rio  
que realmente sinto.;*

quando é o fogo o elemento norteador, as palavras se vestem de sensualidade e paixão, como é o caso do soneto *Sonho*, do qual apresento apenas a primeira estrofe:

*No balanço da rede e quase nua  
Senti teu vulto de mim se abeirando  
Está calor, meu bem...foste deitando.  
Nas mãos uma flor, nos olhos a lua.  
(...) ;*

ao ressaltar o ar, o poema cria asas:

*Sigo a lei dos pássaros:  
seu movimento e repouso  
são danças de mim. ;*

e quando se liga à terra, as palavras chegam a se apresentar com ‘textura’ concreta, como é o caso do poema visual *Labirinto improdutivo \_ MSP (Movimento Sem Poema)*, cujo título nos provoca a ler MST, ao invés de *MSP*.

Do título ilusionista e ambíguo aos labirínticos e irônicos versos que se repetem, e se repetem, emaranhados, tudo se expressa sem saída, como, sem saída, também parece a solução dos problemas dos homens, sejam lá eles questões relacionadas à terra ou ao fazer poético.

Portanto, as epígrafes são bússola e âncora. Bússola para a poetisa quando agrupa e direciona os seus cantos e âncora para que o leitor possa se acomodar no universo da leitura.

Ercília costura o seu canto a outros cantares, muitas das vezes em procedimento claramente anunciado, como, dentre vários, é o caso do poema *Meditação sobre Pirapora*, dedicado a Mário de Andrade, que um dia também escrevera a sua própria *Meditação sobre o Tietê* ou a Tiago de Melo – *Um Tiago canto* – de quem repete parte de um dos seus versos mais conhecidos: *Faz escuro, mas eu canto*.

Mas, às vezes, é o formato que se torna instrumento da permuta estética, como acontece no poema *Intertextualidade*:

*Diria o poeta de Itabira:*

Jorge de Lima

*que bebeu Invenção de Orfeu (...)*

*que bebeu Eneida de Virgílio*

*que bebeu Odisséia de Homero(...)*

*que bebeu nos primeiros tempos*

*da história grega*

*que bebeu no espaço altamente criador*

*desta ciranda cósmica  
que se fecha em si mesma  
na viagem para o centro  
que não bebe de ninguém.*

São, pois, esses, versos que o leitor espontaneamente encaixa em *Quadrilha*, poema de Carlos Drummond de Andrade, já considerado como um clássico e lúdico molde da poesia brasileira, por meio do qual são demonstradas voltas e meias-voltas desta imprevisível ciranda, que é viver.

Mas, falta-me ainda ressaltar a dimensão dos versos de **Quarta dimensão**, como eixo de significação de sentidos figurados.

Nessa grandeza, a convivência da linguagem e do sentimento é tão estreita, que as palavras se fantasiam sensivelmente de modo a incluir mais e mais possibilidades no contexto da sua leitura. Excelente exemplo é o poema *Ritual do beijo quádruplo*.

Uma observação: o número cinco, segundo explicação cabalística, é formado de quatro pela adição de UM, que é o princípio da vida, o espírito, bíblicamente anunciado pela poetisa, nos três últimos versos do poema:

*Beijo-te os pés/ cansados/ que de tanta interjeição/  
caminharam e te trouxeram até/  
estas portas que te amarão./  
Beijo-te os joelhos/ calejados/  
que de tão genoflectidos/  
não encontrarão pares/(seja onde for)  
nos holocaustos oferecidos/*

*no grande altar do amor/  
Beijo-te o cajado,/ destilação da vida,  
que de força e perpetuação/ tem o significado;/  
também no teu regaço de pastor/ serei acolhida./  
Beijo-te o peito/ que vigoroso e belo medra/  
ao ergueres o troféu;/ ave, de coragem feito,  
de pêlos, plumas e pedra/ quente (travesseiro)  
nas mansões do céu./  
Beijo-te a boca,/ fogo ardente do verbo criador;  
orelha louca,/ escorrendo sabedoria de mel/  
e, no hálito quente desse fogo devorador,  
há uma língua lavrando formas,  
num trabalho de cinzel.*

Portanto, uma amostra da linguagem do livro **Quarta dimensão**. Na arte da confecção da palavra de Ercília Macedo-Eckel, o cruzamento alquímico do seu sentimento com a fala da alma de outros poetas, fazendo continuar a ciranda da Poesia que, sem fazer caso da qualificação, prossegue e faz outros e novos tempos, todavia sempre e sempre belamente.

Goiânia, 18 de março de 2005.

\*Mestrado em Teoria da Literatura pela UFG.  
Membro da Academia Feminina de Letras e  
Artes de Goiás.



# I

Só os poetas deveriam  
ocupar-se dos líquidos.

Novalis



## **Gênesis revisitado**

No princípio havia o caos e o tempo era infinito. O espaço ilimitado estava deserto de revelação e vazio de pensamento. As trevas do nada cobriam o abismo desprovido de palavras e o sopro do Poeta ondulava sobre a grande massa das águas primordiais. E seu hálito formou o céu das divindades, dos heróis e da lira. Também formou a terra para nela fecundar a poesia com o sêmen do paradoxo e do tempo.

E o espírito do Poeta pairava sobre o fundamento das palavras. E disse: Haja palavra. Palavra de hoje. Palavra de amanhã: saindo da boca, entrando no papel em branco, brotando da mídia, dançando na tela do computador... Haja muitas palavras. Mas haja palavras de baixo, subterrâneas, frias, infernais, de horror. Haja palavras de cima, de luz, dos deuses, de alegria, do céu. Haja palavras intermediárias, terrestres, dos homens que conhecem o caminho das sombras e das fendas rumo ao inferno, ao baixo, assim como conhecem a trilha estreita que leva aos deuses. Essas são palavras de balança, pois buscam o equilíbrio no caso de dúvida, entre as palavras de cima e as palavras de baixo. E, assim, o Poeta criou três níveis de palavras: as de baixo, as de cima e as intermediárias. E o Poeta teve dúvidas de que fosse boa essa classificação de palavras.

E disse ainda: Haja olhos luminosos na constelação dessas palavras para abrilhantarem o dia da inauguração da poesia e olhos opacos para chorarem a noite de sua decadência. E que esses olhos marquem o ritmo dos versos e da vida — que dêem sinais para as estações das formas poéticas e para os anos de continuidade e renovação periódica. E o Poeta teve dúvidas de que isso fosse bom.

E criou o Poeta toda a poética existente, segundo seus gêneros (para divergências entre os estudiosos) — o épico, o lírico, o dramático e o satírico — com suas respectivas espécies. E o Poeta abençoou todas essas espécies, dizendo: Sede fecundas, multiplicai-vos e enchei as estantes das bibliotecas, os e-mails e sites da internet, os balcões das lojas, as mesas dos bares, os bancos das praças, os picuás do lavrador e do garimpeiro. Aquecei os cubículos dos fora-da-lei.

E disse mais o Poeta: Não é bom que eu esteja só: far-me-ei uma companheira idônea. Minha alma gêmea. E estando bem acordado, afirmou: Minha cabeça é esférica como o universo e redonda de luz como o sol em seu compasso. Dessa perfeição arrancarei uma mecha longa e perfumada, convicto de que não renunciarei às minhas forças (pro)criadoras.

Então disse: Haja Poetisa para companheira de criação, para contemplar o paraíso poético e exorcizar as serpentes do diálogo obscuro. Haja a Poeta para regenerar o imaginário em que as víboras serão revestidas de plumas e trarão aos poetas palavras de anjos, divinas. E o Poeta teve dúvidas de que a criação dessa companheira fosse coisa boa.

Uma neblina subia da terra da poesia e regava o solo com versos verticais. Porém não havia homem-leitor e mulher-leitora para lavrarem a palavra sobre a terra. Disseram Poeta e Poetisa:

façamos o leitor e a leitora à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; tenham eles domínio sobre o contexto, sobre os vários sentidos das palavras do texto e, principalmente, sobre os temas domésticos que apelam para o imaginário, para o momento fantástico de sua terra natal.

Disseram ainda: Eis que vos tenho dado todos os mitos para que o mundo mágico e o mundo de emoção da poesia não se separem. E viu o casal de poetas tudo quanto fizera e não tivera muita certeza de que fosse realmente bom.

Houve noite, houve tarde e houve manhã no exercício das palavras. Estrela da noite. Estrela da tarde. Estrela da manhã. Estrela da vida inteira. E os poetas nunca descansam, porque nunca terminam sua obra: Homero, (Cantares de) Salomão, Virgílio, Dante, Voltaire, Goethe, Poe, Baudelaire, Eliot, Ezra Pound, Rilke, Garcia Lorca, Neruda, Paz; Pessoa, Cecília, Cassiano, Quintana, João Cabral, Adélia Prado; Darcy França, Heloísa Helena, Mendonça Teles, Paulo Nunes, José Fernandes, Coelho Vaz, Heleno, Chein, Brasigóis... E tantas, tantas outras estrelas de ontem, de hoje, de amanhã e do mundo inteiro – a pressagiarem incansavelmente a morte ou nascimento dos grandes homens e dos deuses.

E abençoaram os poetas esse permanente recomeço, essa desconstrução e essa reconstrução que nascem da tirania e da catástrofe ou da explosão da vida e do amor através da palavra. Haja sempre palavra com nome e sobrenome para que os deuses — que não trabalham — se distingam dos humanos. Pois os homens comuns comem o pão com o suor do próprio rosto. E sua única função é trabalhar para os deuses. Para isso foram criados.

E disseram ainda o Poeta e a Poetisa: Seja a palavra do poema como o vinho, bebida por todos, como sangue de aliança e de dádivas espirituais, desde o mais humilde lavrador até o presidente ou rei e deuses. Sorvei-a devagarinho, com cuidado, para não vos embriagardes com os vários sentidos do texto poético.

E haja palavra de proteção ao leitor e palavra de poderes superiores em torno do pescoço do Poeta e da Poetisa:

**ABRAPALAVRA**  
ABRAPALAVR  
ABRAPALAV  
ABRAPALA  
ABRAPAL  
ABRAPA  
ABRAP  
ABRA  
ABR  
AB  
A

Ercília Macedo-Eckel  
Goiânia, 20 fevereiro de 2005.

## Poeta

Eu sou ninguém  
se sou mudo  
mas se sou palavra  
sou caudaloso  
abro-me em fontes  
vejo Deus, posso tudo  
nasço, findo, renasço  
em cada estação uma lavra.  
Sou poeta, sou Nascente  
brotando da terra  
escoando desejos e sentimentos  
me buscando provisório  
permanentemente  
no tempo da palavra  
dependurado na cachoeira  
da tensão e do desafio.  
Agora sou muitos  
no Grupo Kadóz de Poesia  
e me estilhaço em trezentos  
no leito das emoções:  
sou Cora e sou Yeda  
Sou Faro e sou Fernandes  
sou Paz e sou Pessoa...  
não minto ao fingir no peito  
a fluidez do rio  
que realmente sinto.

## **Meditação sobre Pirapora**

Para Mário de Andrade, à guisa  
de sua *Meditação sobre o Tietê*.

É branco. E tudo é branco.  
Chora o rio sua lágrima gosmenta  
que invade a cidade.  
Espuma. Muita espuma.  
É branco e tudo é branco estridente  
nas asas que essa espuma ostenta.  
A combinação de todas as cores  
veste o vampiro sugador das águas  
e meu corpo escoá-se e nessa travessia fermenta.  
Da roda da indústria, robusta indústria,  
chega a impureza do branco.  
E enche de branco o tão vasto  
peito do rio  
que é como se a noite  
em seu leito gasto  
fosse pássaro, pássaro noturno,  
leve e líquido, viscoso açoite,  
afagando as torres das igrejas  
e as copas das palmeiras  
que na impureza do branco gritante e fétido  
sucumbem inteiras.

De repente patinam carros, motos, bicicletas, passantes.  
E o óleo da prosperidade se torna  
extrema-unção dos agonizantes.  
O rio e a cidade estão sem voz, sem tono.



É uma angústia ver tanta gente vomitando  
lodo e degradação.  
É branco. Todos estão amargamente brancos. Inermes  
e, aos poucos, sepultados com o rio.  
Também dentro de meu coração,  
afastando o sono,  
há uma festa de germes  
e revoada de pássaros brancos.  
Porque tudo é branco, muito branco.  
Corrosivamente branco  
e transfigurado neste leito vazio.

## **Intertextualidade**

Para a prof<sup>a</sup> Moema de Castro

Diria o poeta de Itabira:  
Jorge de Lima  
que bebeu *Invenção de Orfeu*  
em *Os lusíadas*  
que bebeu *Eneida* de Virgílio  
que bebeu *Odisséia* de Homero  
Jorge de Lima  
que bebeu *Invenção*  
em si mesmo  
reescrevendo-se  
autotextualmente  
e que bebeu n*Os lusíadas*,  
que bebeu na *Divina comédia*

e no *Paraíso perdido* de Dante  
que bebeu em *Eneida*  
que bebeu na *Odisséia*  
que bebeu nos primeiros tempos  
da história grega  
que bebeu no espaço altamente criador  
desta ciranda cósmica  
que se fecha em si mesma  
na viagem para o centro  
que não bebe de ninguém.

## **Tempestades de verão**

É preciso andar com cuidado, comer o Livro.  
Inocência cortou as unhas e os cabelos  
e os varreu com a vassoura das bruxas  
depois do anoitecer, entre atropelos.  
Eu vi o espírito de Belzebu fazê-la percorrer  
as ruas de pedras irregulares  
e os muros escravos da Cidade  
tocando sete moscas invisíveis,  
na perseguição aos sete jumentos  
que trotam ao lado de sua insanidade.

É preciso andar com cuidado, comer o Livro.  
Sete ventos partem as rochas e da consciência coletiva  
brotam corações de pedra, gafanhotos e escorpiões  
com tenazes de guerra, num cerco opressivo, infernal.  
Há muitos sapos nos sete caminhos do espaço,  
andorinhas e mosquitos voam rentes ao chão;

alguém assobia sete segundos em Távola Redonda  
e a cachoeira desce vazante no repasso dessa onda  
e arrasta nossas máscaras de esperança e fantasias de estrela  
para o bloco Avalon, na Ilha do Bananal.

É preciso andar com cuidado comer o Livro.  
Inocência pisou formigas e aranhas  
que, diligentes, transportavam seus ovos  
para lugares mais seguros e novos:  
A tempestade sopra a desordem e o tumulto aflitivo  
no ritmo ondulante do eixo norte-sul,  
nas asas de sete ventos em sanha nos montes.  
As nuvens mensageiras de abismo e paul  
vestiram suas capas pretas  
e ameaçam escancarar o ventre dos sete céus e pontes.

É preciso andar com cuidado, comer o Livro.  
Satã espetou águas e ampulhetas  
com seu garfo de três dentes,  
ondas gigantes engolem cidades costeiras,  
rios e mares invadem praias, ilhas e continentes,  
tingindo de vermelho as expectativas dos homens produtivos,  
soterrando a fome, o desemprego e a violência  
dos barracos cravados nos morros e favelas  
limpando, no sacrifício do granizo, as sete chagas  
das coleiras de humilhação e de demência,  
no deslizamento de lágrimas apocalípticas.

É preciso andar com cuidado comer o Livro,  
esconder-se seguramente no topo das colinas,  
nas torres e nos altares dos templos;

desligar tevês e on-lines, nos sete terraços do mundo,  
pois água, peixes, onças pintadas, e línguas ameaçadoras  
de sete serpentes cobrem carros e fábricas num segundo.  
Lixos plásticos vestem os campos e bóiam no Pantanal;  
quatorze chifres de sete vacas redemoinham no Rio dos Bois;  
sete xavantes e sete xangôs submergem depois  
nos planos diluvianos dos deuses.

É preciso andar com cuidado, comer o Livro,  
cobrir sete espelhos e voltá-los contra sete máquinas de jogo,  
cuspir a cada relâmpago para afastar os sete espíritos do mal.  
É preciso lançar sete punhados de sal no tempo e no fogo,  
tanger os sinos de sete igrejas da purificação,  
pôr sete dentes de alho nas gravatas dos vampiros,  
tatuar o sol em sete braços de Osíris,  
tirar os sapos dos sete caminhos da cachoeira  
até que a fogo-apagou bata as asas sete vezes  
e traga o ramo da esperança nas sete cores do arco-íris.

É preciso andar com cuidado, comer o Livro,  
dormir o sono hibernal,  
vestir a pele de sete ursos,  
entrar no casulo de sete borboletas,  
esconder-se na casca de sete Vênus de bruços,  
deixar as sementes na urna da terra,  
recolhidas no escuro e no silêncio  
onde se elaboram os sete mundos das colheitas  
de inteligências não obscurecidas  
para os sete sóis da ressurreição.

## Cantiga de temporada

Viandante do Araguaia,  
escuta o ponteio desta viola  
que os dedos ferem na praia  
cor-de-rosa, alvinitente,  
de belezas tantas, reluzente  
que tua neurose consola.  
Praia do sertão goiano decantada  
onde o carajá, o xavante,  
o javaé pescador, ou caiapó errante  
fizeram até ontem santa morada.  
Praia prenhe de tartarugas  
com aves de todas as cores,  
tremeluzente de amores  
e pelo dorminhoco peixe-boi bafejada.  
Gigantesco balneário, guardado outrora  
por vigilantes jacarés, senhores das águas,  
agora, aflitos, com dores no leito  
té longínquo pantanal,  
procuram pela vazão do rio  
e pela causa do assoreamento em seu peito.

Viandante do Araguaia,  
cadê o negro d'água, o negro Benedito  
com orelhas de macaco,  
crista de peixe, pés de pato?  
Onde a índia Potira, fina flor dançarina?  
cadê a vegetação nativa

onde anta, paca, capivara, veado,  
onça pintada, porco-do-mato, cutia  
tuiuú, gaviões, garças, curicacas, jacus  
e que aqui fizeram por longo tempo  
tranqüila moradia?

Onde o rio ou lago era viveiro natural  
de pintado, pirarucu, piroasca, matrinxão,  
piracanjuba, barbado, dourado, curvina, tucunaré,  
piratinga/piraíba, caranha, mandubé,  
pirarara, filhote de grande porte  
e que escoam como nós  
no tempo desse rio  
passante para o Norte?

Araguaia finca esporão de arraia,  
mas também provoca sementeira de versos  
para a colheita de preservação do cerrado  
apesar do progresso.

Por isso, viandante do Araguaia, escuta  
o ponteio desta viola  
que os dedos ferem na praia  
do majestoso e sem igual  
que, antes de com o Tocantins se casar,  
escancara dois grandes braços  
concebendo a Ilha do Bananal,  
e apontando o exagero de Deus na criação,  
exatamente na direção  
daquela Amazônia que pretendem depenar.

## **A uróboro (ou o ouroboros)**

A criança renasce no velho, de noite investida,  
e no sono de cada um de nós  
há uma volta, um trasteempo,  
uma onda ondeando ao ponto de partida:  
o futuro será o já vivido  
e o passado, o futuro no círculo do tempo.

Gente velha navega no espelho das águas infantis,  
no ritmo ondulante de uma superfície bordada de espumas  
de uma brancura tal que algumas causam deslumbramento.  
Mas as profundezas dessas águas são esconderijos  
de serpentes hostis em contínuos regozijos  
a morder a própria cauda no círculo do tempo.

Gente velha dissolve-se na criança,  
em anjinho barroco a embalar exagero e fantasia,  
a montar golfinhos de pureza e esperança,  
a conduzir a chave das portas de etérea moradia,  
a livrar as almas anciãs de seus dragões subterrâneos  
no círculo do tempo.

Criança aporta no velho a flux, a jorros;  
um velho vestido de nuvens na dança da chuva  
e coroado com versos tecidos de luz polida  
cavalga a escada alada com as sete cores do arco-íris  
e curva curvando ao ponto de partida:  
é o futuro a morder a cauda do passado  
no círculo do tempo.





## II

O ar é o meio próprio da luz, do alçar vôo, do perfume, da cor, das vibrações interplanetárias; é a via de comunicação entre a terra e o céu.

Jean Chevalier



## Bodas

Para os casais que conseguem  
manter-se casados.

*Eu sou uma borboleta  
das margens do Corumbá  
vão sobre esta montanha  
beijo boca de araçá.*

Desta vez ele chega montado numa garça  
tocando sua lira  
cantando-me pastoril de borboletas,  
girando-me uma seta,  
tirando-me o sono  
com a fragrância de flores de manacá  
e ramos de jasmim-trepador  
branco de amor incontido.  
Qual pedúnculo de flor passo a passo poeta  
versicolorindo nosso teipe de vida.

Meu ouvido se enrosca  
em concha orvalhada, embebida  
de palavras suaves... cicio de Eros,  
cujos olhos me apontam a direção segura  
contra as investidas de seu opositor Anteros.  
De nossas bocas vem um gosto fundo de amor azul  
e, em nossos narizes, chega um cheiro doce  
que sai da caixa dos desejos.  
Nossas mãos felizes, iguais não há:  
no afã místico da curiosidade  
de hoje e de cada dia

perenizam a aliança e o prazer; desde já  
alegre devoção de criança que espera  
as asas azuis de purpurina  
ou uma borboleta alada de primavera.

Himeneu, Himeneu, ó Himeneu!  
deus que preside os casamentos e o jubileu,  
ó tu que vens coroadado de rosas e manjerona,  
sob um véu de amarelo brilhante,  
cobre nosso caminho de flores de acácia  
atiça a tocha de Cupido, os corações abona  
e entoa-nos, mais uma vez,  
o pastoril de borboleta violácea,  
com fragrância de manacá.  
Serve-nos ambrosia em taças de diamante,  
com muita alegria.  
Suponho chegar ao céu e escuto  
vozes sem corpo e provo a delícia tênue do maná...  
que vem dos deuses em nosso tributo.

## **Florálias**

Elas são assim,  
que nem moça bonita  
empencada na janela  
travestida de chita.  
Olhos-de-estrela  
na cara de setembro,  
saudando a Primavera  
e sorrindo para mim.

## **Devaneio**

Bolha de sabão  
Colorida  
Redonda  
Grandona  
Solta no espaço  
Da imaginação  
De criança  
É facanha  
De Noel  
Brincando de balão  
Trazendo p'ra gente  
Tiquinho do céu.

## **A dança das rosas**

É domingo.  
O sol tem cara de criança.  
É manhã. Rosas não chegaram à sala,  
porque foram possuídas  
pelo azul que o céu derrama;  
porque foram na alegria dos aniversários,  
no enfeite dos casamentos  
e nos cabelos da dama.  
Há mensagens de amor  
na dança dessas rosas.  
É domingo. O céu viaja  
revivido em cada pétala  
que o vento abraça  
e leva, leva  
para onde?

## Haikai

Sigo a lei dos pássaros:  
seu movimento e repouso  
são danças de mim.

## Viagem

Também montei no vento  
favorecida pela força da tensão  
crente na ferradura da boa sorte,  
cravada no casco renovador  
de cada estalo no chão.

Estudo, pesquiso, procuro  
viver intensamente a dança  
do novo, profundo e puro  
nos olhos estrelados do céu,  
nas páginas das nuvens  
pingentes de fecundidade e de esperança.

E, nas asas crescentes de música,  
ópio que tem as chaves solúveis  
dos degraus e das portas do céu,  
vôo horas atravessando o espaço  
da solidão de rola renitente  
na secura desse deserto, pari-passo...  
bolero persistente,  
progressivamente Ravel.

Os heróis do esforço de superação  
estão sempre assim viajando,  
cavalgando inquietos,  
cobertos de flores siderais  
no repertório da aspiração,  
num anseio nunca saciado,  
por não encontrarem jamais  
a Via Láctea procurada.

Cheiro, apalpo e sobrevôo  
as alturas de uma rocha  
à procura do seio de mãe, festivo,  
perdido no redemoinho da infância.  
Ou desse seio fujo, por algum motivo  
na busca de libertação  
das trevas do inconsciente na distância?

Mas onde estão a luz e a verdade talhadas?  
Dentro de mim mesma  
a engrenagem mastigando fundo.  
Ainda que eu cavalgue o etéreo, às lufadas,  
do alto verei o mundo  
refletindo minha própria imagem.

## **Poema cromático**

A natureza é pródiga e nela me pus.  
Por causa de minhas origens  
arejo-me nela, na primavera prenhe de luz,  
e me despenco da encosta

da serra, de cada barranco,  
presa às samambaias diversas,  
às orquídeas multicores, bromélias  
ao grande ipê roxo, branco, amarelo: peúvas.  
E florezinhas de tantas cores, tons, semitons,  
avencas, plantinhas tenras, viúvas,  
desfraldam-se pelo sopro de ternura  
e pelo brilho dos olhos passantes,  
uma loucura!

Na fuga do pânico urbano,  
na passagem do caos ao cosmos,  
o abraço verde  
bambu, baunilha, pacová...  
o beijo amarelo  
banana, pequi, açafão-do-cerrado, jatobá.  
A luz branca da flauta Pã  
brota da cana goiana,  
enquanto a cinta azul do céu  
reflete as plumas dos pássaros,  
as asas das borboletas, o amor-perfeito, tudo.  
À distância, a escala cromática,  
tricolores violetas e a curva do caminho sisudo.  
Levam para onde?

## **Linhas lúdicas**

Estrídulo ziziar de cigarras  
ciscando no quintal da memória  
um tempo vagabundo, de criança sem algema,  
lambuzado de frutas, pipas, bonecas e quitutes.



Ut na ganha. Toc-toc no vidro  
Bolinhas de gude. Fubeca de vida.  
E uma cartilha aberta no poema.

No chão roda o pião  
ponta de ferro turbinado  
vestido com capa de cordel  
enrola desenrolando sua missão  
e gira dormindo no trasteempo,  
em torno de si mesmo fiel,  
como uma pêra fincada no tempo.

No céu do planalto azulam na primavera  
o frenético canto das cigarras,  
o colorido bojo de papel ao sabor do vento,  
a comovente página do poema  
que vem dos ares, no pavor da tensão,  
para a catarse do poeta nas garras do tormento,  
para o alívio do incêndio no coração de fera.

Ti-lin-gue na vidraça.  
Toc-toc no vidro. Ut na ganha . Ut jabuticaba.  
Ut na finca-pião. Ut no cerol.  
Ut na linha de emoção do poeta.  
A primeira nota na antiga escala do silêncio: Ut.  
Estrídulo ziziar de ferreiras em coro  
verdi-martela liberdade cigana  
de amar, de ir e vir.  
Um bando bate a bigorna  
*Il Trovatore*, à esquerda e ninguém acredita;

o outro responde orquestralmente,  
à direita, no concerto itinerante,  
a resgatar um tempo vagabundo  
lambuzado de infância e de pipa.

A roldana recolhe a linha da tensão  
no fio do poste, na grimpada do dilema.  
Porque o corte do inimigo vem do cerol,  
nas asas daquele que se aproxima demais do sol.  
Mas a criança passa a linha no pescoço da cigarra  
na esperança de com ela alçar vôo de luz.  
O poeta recolhe as linhas do poema  
na carretilha da emoção.

## **A mulher e a estrela**

Há muito tempo, dizem os caiapós,  
vivia eu-mulher  
sereia-peixe, filha do Rio Araguaia,  
sereia-pássaro, filha da Serra de Caldas.  
Toda noite olhava  
para uma brilhante estrela  
e suplicava:  
Que pena eu não poder tocá-la  
com meu belo canto  
e em anjo cadente trazê-la  
para dentro de meu escrínio vazio  
e o dia inteiro admirá-la.  
Foi quando acordei de um sonho.  
Acordei mesmo?

Vi ao lado de minha rede  
um índio risonho  
olhos magníficos, penetrantes,  
de Avá-canoeiro.  
Era a estrela  
que me encantava todas as noites;  
poderia tornar-se pequenino antes  
de entrar no meu porta-jóia-corção  
e juntos ficarmos então.  
Ao raiar o sol fui guardá-lo  
na caixinha de meus desejos;  
seus olhos arrematados por chamas  
brilhavam como os de um gato selvagem,  
em verdolengos e rápidos lampejos.

Surpresa, ouvi-o dizer: Preciso partir.  
Solícita, toquei o lilás de uma quaresmeira  
com a varinha mágica de meu canto,  
para vencer o espaço terra-céu:  
*As estrelinhas do céu  
em noite escura a brilhar  
não brilham mais feiticeiras  
que a luz do teu olhar.*

Então o arbusto cresceu até às nuvens.  
Avá-Canoeiro começou a subir, subir...  
e pediu-me para não acompanhá-lo.  
Contra minha vontade, fui puxada... puxada  
pelas cordas de cipó da Ceuci,  
sob o som sagrado de tocadores purificados  
até chegar ao céu como as Plêiades.

E, a descoberto, ao léu  
através das ondas do absoluto,  
cheguei à Estação Azul,  
cuja fonte luminosa à direita,  
vertia água vivificadora  
sobre ramos de acácias,  
sobre azaléias e rosas da Terra  
numa grande festa.  
À esquerda, porém, sob poder oculto,  
dançavam esqueletos  
em torno dos círculos dourados  
de seus próprios cabelos.  
O nativo pediu-me, em vão,  
para eu tomar novo banho de purificação.  
Estupefata e confusa fugi...  
voltei à Terra. Toquei o chão, desci!

Estou com uma dor de cabeça enorme,  
tenho sede e temo a morte  
nas asas de um pássaro mudo:  
Quem sou?  
De onde vim?  
Para aonde vou?  
Olho e vejo tudo:  
A estrela destilou lêiser  
nos olhos dos répteis e medra;  
a crisálida, lé com lé, cré com cré,  
transformou-se na cigarra;  
o canto das sereias solidificou-se  
nas pedras da Serra de Caldas

e coroou-se do líquen que dorme  
sua sesta no leito do Araguaia.  
E eu sou uma bolha, uma criação passageira.  
Vim da água e do ar, mas deixo vestígio.  
Vou para as estrelas nas asas de um anjo.

## **Desobriga poética**

Um poema me pediste  
em final de conversa vã  
quebrei o estro, respondi-te  
neste império de satã

Os bancos das praças estão frios  
os baldes das crianças sem flores  
os corações dos homens vazios  
mãos e corpos bombas de horrores

Um poema, amigo, insistes  
mas os versos se quebram no ar  
e do trágico quedo-me em chistes  
na determinação de te agradar

## **Prenúnciação**

Para Vinicius de Moraes

Menina! minha filha  
(filha de qualquer brasileiro),  
aonde vais assim

rindo de amor  
olhar tão brejeiro  
blusa na cor da moda  
vermelho-cochinilha  
a calça jeans  
e o celular na mão  
fazendo trintrim?

Ah mãe!  
vê se desencana  
vou estudar (acampar)  
com amigas e amigos  
onde o céu é massa.  
Fui!  
E fiquei...  
Porém quando me liguei  
cheirava a vela pontuda  
que o anjo do mal empunhava  
e pingava carmim  
vermelho encarnado por cima  
e de dentro de mim.

## **Ser filho**

(Paródia ao soneto *Ser mãe*, de Coelho Neto)

Ser filho é escutar com muita fibra  
grande sermão. Ser filho é ter na alheia  
bolsa, que abre, muita fartura, creia:  
*shopping* aqui, cartão ali, a vida vibra.

Ser filho é ser um anjo que se libra  
ruidosamente em noite de lua cheia.  
É ver a tempestade, a coisa feia  
e traçar um sorriso que equilibra.

O mal do filho é também mal de mãe  
e sua sina, onde se mira arrasada  
e busca a luz que lhe falta p'ra rima.

Ser filho é rir chorando se preciso.  
Ser filho é ter mãe e, às vezes, ter nada!  
Ser filho é sonhar com um paraíso.

## **Cantiga de amigo**

Eu canto, amigo, do pico desta montanha  
as tábuas do sonho e do pó  
debaixo de uma palmeira e tão só.  
Eu carpindo minha coita d'amor,  
eu esperando meu amigo na porta  
eu, pastoreando estrelas, nada via.  
Ai, Deus, onde estará ele?  
N'alguma festa d'igreja do céu?  
Padre-nosso, ave-maria...  
no tapete, na fresta, atrás da horta...  
penso que ensandeci.  
Eu canto, amigo, a saudade que tenho de ti  
as árvores, o milho verde, as fontes,  
despertar de alegres sentimentos...  
Cena à beira do regato, pirilampo,

festa na aldeia, sinfonia em fá maior,  
despertar de alegres sentimentos no campo  
E eu pastando... de cabeça cheia,  
carpindo minha coita d'amor  
esperando meu amigo  
pastoreando estrelas.

Onde estará ele?  
Tu sabes? Dize-me.  
Padre-nosso, ave-maria...  
Canto dos pastores, sinfonia,  
Pastoral da Terra em fá maior.  
Está na fonte da memória na romaria  
a sete léguas daqui.  
Eu canto, amigo, a irmã da noite  
a separação na hora melancólica da alba,  
as eternas horas de tua ausência  
a chifrar comigo no rito pastoral do carneiro,  
a mascar o sol ao nascer o mundo inteiro  
para a colheita de cada dia.

Agora sou peregrina,  
prefiro, amigo, o canto dos pássaros  
ao despertar rotineiro do relógio...  
coita d'amor é minha sina,  
mas ajoelho e não rezo,  
perdi o cajado que amansa  
o dragão do presente me cansa  
e das ondas de minha ingenuidade  
brota a fonte do conhecimento  
e este avança...



Prefiro, amigo, o canto dos pássaros  
(ao ponteiro das horas, ao apito do vigia)  
para cantar as noites no Recanto do Sapé,  
onde passo em tua companhia,  
e levanto vôo para o ninho do céu  
e acordo em teus braços no raiar do dia  
com um poema nostálgico de Rilke.  
O que está por trás das coisas  
e das meditações em versos n*O livro de horas?*

Que anjos são estes que estão me rodeando  
na volta e meia de uma ciranda  
em noite de lua cheia?  
Minha flor, minha menina, flor-mulher  
*et cetera* e tal...  
toma esta uva do girão-dão-dão.  
Verde vinho de Portugal.  
Olha, *ele vai, vai, vai,*  
*ele vem, vem, vem*  
*ele por aqui passou...*  
Ele entrou na roda,  
chamando a mãe-d'água o vi  
p'ra lhe contar uma história  
que no tempo d'eu menina,  
que no tempo d'eu flor-mulher...  
Ele vem, vem, vem me conhecer,  
ele por aqui passou.  
E não voltou.

## Ode à Ada

Fada chegada de Pedregulhos  
faz surgir na escuridão  
das noites goianas os desembrulhos  
com sua vara de condão  
e tece — em tempo gozador —  
os palácios cintilantes  
daqueles que *arrotam grosso*, provocantes  
e toca o subterrâneo de um povo cheio de dor  
e de frustrada aspiração.

Ada fiandeira de textos  
metamorfoseia-se, sai dos cabrestos  
disfarçada em lagartixa, colibri,  
sabiá, borboleta ou saci,  
para cochichar verdades, escrevê-las  
mescladas de sonhos e sentimentos,  
abismos...  
Segredos profundos, baixos testamentos,  
contrapondo-se à transfiguração de sua pena,  
vontade última e alta das estrelas.

Ada vertical, apesar dos anos.  
Ada escada, ousada entre os seus:  
na verticalidade do corpo  
na verticalidade da casa  
na verticalidade da alma.  
na tomada de consciência  
em ascensão para Deus.  
Ada murmúrio e paciência no vale  
Ada enroscada no xale  
dos artifícios humanos.

Ada desdobrada no leque  
de pequenas e grandes solenidades  
vai atijando o vento da imaginação  
eroticamente escondendo e revelando algumas  
de suas faces de lua até que as envolva  
em mistério de luz angelina.

Ada rainha de bondade então  
leva na frente a aura divina  
e nas mãos a dança de um buquê de plumas.

Ada de olhos azuis  
como o mar agitado  
perdendo-se no infinito  
ou no vazio acumulado  
de ar, de água, não mais fito.

Porém cristal e diamante são talismã da imortalidade.  
Seus olhos têm conhecimento de deidade  
são duplos espelhos permanentes:  
Ela (se vê) nos vê com saudade  
e nós a vemos plenamente.

O azul dos olhos de Ada  
tem valor absoluto, cosmicidade.  
Pois tudo desaparece no azul das milhas  
qual pássaro na imensidão do céu.  
Alice no País das Maravilhas  
e nós nos vendo únicas  
nas histórias de Ada, ao levantar-lhe o véu.  
Seus olhos têm o azul do dia — a vida.

Seus olhos têm o azul da noite — a morte.  
Seus olhos têm o azul da verdade.

O azul de seus olhos está sacralizado  
em nossas acadêmicas túnicas!

Goiânia, 14 de setembro de 1999.  
Declamado pela autora na AFLAG,  
Sessão da Saudade de Ada Curado.

## **Um Tiago canto**

Para Tiago de Melo

Está escuro diante de tanta violência,  
crise de segurança e credibilidade  
que me oprimem amargamente,  
ao longo do caminho e da espera,  
mas eu canto, ainda,  
nos refúgios da fuga  
pelos vales dos amigos  
que me acolhem docemente,  
porque a manhã vai chegar,  
a mão estendida e, com ela, o sol  
em sua taça de cristal  
vai repartindo alegria, esperança e fraternidade,  
resplendentemente, pelas ruas de minha cidade.

Faz escuro em cada sinaleiro, em cada esquina,  
mas eu canto, porque a vida está posta na mesa  
para decretar a verdade, a não-violência

das manhãs de segunda até às noites de domingo —  
para decretar janelas abertas  
ante a leveza do ar,  
ao amarelo tropismo dos girassóis,  
e abertas com o forte perfume do jasmim  
esmagado em minhas narinas,  
a destilar abraços carregadinhos de estrelas.  
Estou em estado onírico, de sonho acordado,  
no desejo do eterno presente.  
Mas em que tempo real estou?  
Creio-me dentro do círculo das horas  
cujo espaço é ocupado por palavras, cantares  
e por grandes cerimônias de silêncio e sombras.

O branco entre as estrofes  
é silêncio significativo  
no escuro dos cavalos-de-tróia cibernéticos  
mas eu canto aqui do alto da Chapada dos Viadeiros,  
ou no meio da multidão, no asfalto  
e, como menina ou adolescente,  
cato conchas de sonhos num ofício aruanã,  
pedindo licença para soletrar a palavra  
LU-MI-NO-SI-DA-DE  
nesse chão  
engravidar-me de versos  
para ti, amigo,  
e só contar estrelas,  
tecer constelações,  
fatiar a lua cheia  
para adornar teu peito  
de imenso clarão,  
nos aléns da cidade.

Faz escuro porque o império resiste  
mas eu canto a paz e a liberdade,  
a manhã que vai chegar;  
o pão nosso de cada dia  
em mesa nenhuma irá faltar;  
irmão, também plantaste no escuro,  
o trabalho não foi em vão  
nas entranhas desses cerrados  
e fatias de floresta tropical.  
Chão querido da infância,  
cheirando flor de cajueiro,  
pequizeiro, jabuticabeira,  
manga-mangabeira...  
nesses quintais comidos pelo tempo,  
devorados pelas crianças,  
arquivados na memória de antanho  
e na de muitos cidadãos brasileiros de hoje  
que vão trabalhando e cantando construção  
da manhã para a alegria geral.

De minha parte, também descobri quem sou:  
quase nada — na velha Goiás — anhangüerina,  
sabendo quase tudo  
no escuro silencioso dos cais  
do Rio Vermelho, coralino,  
ou nas contas de prata do Manuel Gomes,  
escorrendo no punho das lavadeiras,  
na grandeza das coisas simples,  
que reparte e acrescenta,  
qual fruta aberta, alerta, cheirosa,

gostosa como tua voz  
na linha de meus sonhos,  
de meus cantos de primavera e verão  
sabor de infância rude e meiga,  
nuvem, carneirinho da vida  
negra e branca,  
no caminho da aprendizagem do amor,  
valendo um instante  
para a eternidade.

Faz escuro, não é mulher-pássaro do 13º andar?  
e outros que saltam para a morte,  
mas eu canto poema pré-operatório,  
poema perto do fim.  
Não quero morrer, meu Deus!  
O mundo é bom, não?  
Psicotrópicos. Prozac. Florais...  
Acalmam a pena que já não dói em mim...  
Canção azul, azul; terra azul, azul,  
no reino azul do sol:  
multifacetadas cubistas de Picasso  
nas telas transcendentais de álcool.  
Faz escuro mas eu canto, à noite,  
sobre o disco prateado da lua cheia...  
Estou limpa, limpa, no labirinto engenhoso das palavras  
e posso ver tudo junto das estrelas.  
De repente uma peneira  
nas asas audaciosas, como as de Dédalo.  
Numa velocidade brutal,  
o pára-quedas de seda não abre.

A descida se transforma em pássaro de chumbo  
entre nuvens e turvações celestes.  
O repórter ainda pode ver o brilho  
dos astros dentro de meus olhos.

Faz escuro, o mundo grande, nós sós.  
Teria sonhado?

Mas eu canto cantiga quase de roda  
afastando a escuridão,  
não cantiga de infância goiana,  
cantiga de cirandas e cantares diversos.  
Canto agora cantigas de Augusta Calado,  
de Ely Camargo, Bartira, Rita Ludovico...

*Talvez tu leias meus versos*

do bicho que dorme dentro de mim  
em águas profundas...

Talvez tu cantes cantigas de lendas,  
sempre verdadeiras, dos homens e do mundo.

Faz escuro, mas eu canto  
porque a manhã vai chegar  
no cristal da luminosidade do Centro-Oeste,  
do Morro do Além ao Alto da Glória,  
nos clubes dessa cidade,  
no campo e nos canteiros de flores,  
nas favelas e nos arranha-céus.  
No coreto da Praça Cívica, manhã geral:  
passarinhos passando, pombinhos pombeando,  
janelas se abrindo,  
homens, mulheres e crianças



sorrindo, se levantando,  
a alegria pede passagem e avança  
espalhando seu canto no meio da multidão.  
Manhã nos três homens nus, *As três raças*,  
no bronze de Neusa Rodrigues Moraes.  
Manhã no altar do povo,  
escorrendo nas mãos do menino,  
lavador de carro, catador de papel,  
ou jornaleiro da esperança.  
Praça inteira cantando,  
chamando outras manhãs  
para essa jovem cidade.  
Faz escuro com tanta violência  
mas eu canto o milagre da flor  
nascendo no peito  
de cada cidadão brasileiro.



# III

O fogo é poder criador  
e destruidor da vida.

Manfred Lurker



## Sonho

No balanço da rede e quase nua,  
Senti teu vulto de mim se abeirando  
Está calor, meu bem... foste deitando.  
Nas mãos uma flor, nos olhos a lua.

Pus minha face pertinho da tua,  
Tocaste-a: a flor de leve passando,  
Ao colo descendo, o pêlo eriçando.  
Casquinha do céu... estrela insinua.

Procurei tua pele para afagar-te,  
Ternamente com a ponta do dedo  
E meu cabelo tão leve roçar-te.

Coração tum-dum, acordei com medo,  
Fitei o rádio-relógio, com arte:  
Está na hora, tarde ou muito cedo?

## Nel mezzo del cammim...

Para Dante, Bilac e Drummond

Como é duro o caminho do medo  
descer e subir degraus  
do Inferno e Purgatório  
e purgar pecados dependurados  
nos fios da violência e no nicho do oratório  
Como seria doce a esperança  
perfumada de céu e branca de paz  
se no meio do caminho houvesse o segredo  
das nove esferas de luz eficaz

Mas tinha uma pedra com cheiro de homem  
errando em escura selva  
três tanques... nove tanques...  
no meio do caminho de nossas vidas  
tinha uma pedra viva  
três tanques... nove tanques...  
no meio do caminho tinha uma pedra viva  
com forças sinistras embutidas  
Vínhamos fatigados, tristes e pequenos  
porque tinha uma pedra romeira  
perdido sua rota verdadeira  
ao cair da frente  
do planeta Vênus  
três tanques... nove tanques...  
tinha uma pedra bruta no meio do caminho  
mas pequenos, tristes e fatigados chegamos  
Nunca me esquecerei daquela cena

de angústia em minhas retinas  
tão ensangüentadas e cansadas  
no meio do caminho tinha uma pedra bruta  
tinha uma bruta pedra no meio do caminho  
três tanques... nove tanques entre ramos  
E na extrema curva do caminho eu tremo  
tem um homem pedra bruta  
uma Besta do império final vomitando fogo  
tem um homem besta pedra bruta  
na curva do caminho extremo.

## **Ritual do beijo quártuplo**

Beijo-te os pés  
cansados  
que de tanta interjeição  
caminharam e te trouxeram até  
estas portas que te amarão.  
Beijo-te os joelhos  
calejados  
que de tão genoflectidos  
não encontrarão pares  
(seja onde for)  
nos holocaustos oferecidos  
no grande altar do amor.  
Beijo-te o cajado,  
destilação de vida,  
que de força e perpetuação  
tem o significado;

também no teu regaço de pastor  
serei acolhida.  
Beijo-te o peito  
que vigoroso e belo medra,  
ao ergueres o troféu;  
ave, de coragem feito,  
de pêlos, plumas e pedra  
quente (travesseiro) nas mansões do céu.  
Beijo-te a boca,  
fogo ardente do verbo criador;  
orelha louca,  
escorrendo sabedoria de mel  
e, no hálito quente desse fogo devorador,  
há uma língua lavrando formas,  
num trabalho de cinzel.

## **A rosa de Goiânia**

Para Vinicius de Moraes

Olhem para Leide Alves  
caída do céu como meteorito  
Olhem para a menina  
brilhando como estrela  
tatuada de purpurina  
no banquete do sanduíche  
azul interdito  
na arca do ferro maldito  
no fogo das formas a comê-la



Olhem para as mulheres  
sem cabelos  
à espera da cegonha envenenada  
Olhem para os homens  
corroídos a gerar frutos deteriorados  
vomitando juízo final  
e brasas vermelhas  
Olhem para os animais  
domesticados pelo dragão atômico  
sete cabeças do mal  
a morder a própria cauda

Não se esqueçam jamais  
da rosa hematômica  
Nem Hiroxima, nem Nagasáqui, nem Chernobyl  
Mas da rosa de Goiânia  
Césio-137 brotada dos escombros  
de uma primavera em combustão  
e aberta sobre um tapete de verão

Não se esqueçam jamais  
da anti-rosa dos médicos  
a anti-rosa azulada mortífera e linda...  
não em esquite de cristal, como Branca de Neve,  
mas a anti-rosa blindada  
que em caixãozinho de concreto finda  
no jardim do rejeito.

## Palma dos mártires

Seguem a trilha da fé  
com as cabeças coroadas de pedras  
e lágrimas regando o seco chão.  
Senhora de toda gente,  
*Dai-nos água que nos molhe,*  
*Dai-nos pão que nos sustente.*  
No semi-árido mais habitado do mundo  
falta o sagrado grão  
e do altar falta o pé.

Treze eram os filhos de Severino dos Santos.  
Na última *ceia*, último prato de feijão.  
Também treze é o capítulo do Apocalipse,  
do Anticristo e da Besta de cara feia  
que emerge do mar,  
com a boca escancarada de encantos  
para engolir a fome de Raimundo,  
Imaculado da Silva e outros tantos  
que a chuva na terra não vêem chegar.  
O treze é excêntrico como a miséria de Zé:  
Faminto pode fugir ao ritmo normal das coisas  
e perseguir um calango  
com o sol no zênite do estômago  
e a alma devorada pelo eclipse.

Seguem a trilha da fé. Chape-chape.  
Pedrinhas na boca salivando  
para não sentirem uma sede louca.  
Pedrinhas nos calcanhares salivados,  
para trás todo cansaço e sete males.

Latas para a disputa  
da água lá vão elas  
Maria do Socorro, Maria das Dores,  
Maria de Jesus — Marias Banguelas  
com medo dos fantasmas do deserto.  
Senhora da Gruta,  
Senhora de toda gente,  
Senhoras imaculadas,  
*Dai-nos água que nos molhe,*  
*Dai-nos pão que nos sustente.*  
Céu azul. Não é praia não. É o momento certo  
para o recomeço de eternas escaladas  
por rochedos e pela realidade estéril do sertão.  
Covil de demônios turbilhonando, zunzum  
de grandes pedras que se fingem de pão  
rolando sobre suas cabeças em jejum.

Se não chover, Senhora dos Impossíveis,  
ao altar de origem não voltareis.  
Haveis de fazer brotar uma fonte  
ao pé da cruz no horizonte  
e em cada teto a luz da esperança acendereis.  
Seguem a trilha dos bichos. Chape-chape.  
Nesse momento Maria do Carmo vislumbra  
na caatinga a palma dos mártires.  
É o cacto do Calvário e do calunga  
— que ninguém come —  
e cujos espinhos serão levados pela fome.  
Em seis águas seria a planta purificada  
da baba verde e marcada: 666,  
a salvação e não o monstro do caos.

O rei dessa terra já quisera  
dar seu anel como oferenda  
compensatória para essa miséria,  
mas os deuses desse gigante  
decidiram jogá-lo no fundo do mar;  
cortaram tal projeto da agenda,  
prorrogaram-no para o mandato segundo,  
fecharam seus olhos para a matéria  
e aceitaram um destino réptil  
para o povo da seca, retirante  
do semi-árido mais habitado do mundo.  
Assim, de treze em treze desamparos,  
há fome e sol abundantes.

## **Reencontro casual**

*In memoriam*

— Oi, como vai você nesse verão?  
na virada da fila que desfila devagar.

—...

Ele ainda:

— Meu fôlego está curto por nada,  
não sei por quê.

— Você fumou no tempo de sua juventude...  
já investigou isso?

Com o coração em sobressalto,  
ela salta escada acima  
para o segundo piso bancário  
a cismar noutra fila

que também desfila devagar  
E lembrou:  
— Eu não sou mais como a lagarta listada  
do poema narrativo de Bandeira!

E ele novamente atrás:  
— Quanto tempo, meu Deus!  
Verticalmente loquaz  
na virada da fila.  
30 anos desfilam assim nos olhos dela  
rubra mente divagando emoções  
nos ouvidos dele.

Ela: — Esqueci o quê?  
No balanço de nossos filhos,  
no desembrulhar de mim  
uma surpresa para você  
em mim outra pessoa se vê.  
Ele: — É... você não parece mais uma lagarta listada.  
Nem parece louca. Só é engraçada!

Porém na virada da vida,  
na fila, sem perdão:  
muitas, juros, correção,  
reabrindo a ferida  
dentro daqueles corações.

## **Do outro lado da náusea**

Todos estão falando de sua náusea  
também vou falar da minha

Angústia que não é por  
estreiteza de espaço  
visto que o Brasil é grande  
mas pelo fogo que consome vida alheia  
em hora marcada  
pela carência de tempo  
na cadência de traumas  
existenciais  
que eu antes já tinha

Minha angústia vem no destom  
destas perguntas:  
Qual minha posição no mundo nesta hora?  
Quais minhas possibilidades futuras?  
Que garantia tenho ao sair pelas ruas agora  
e brotar no asfalto como a flor de Drummond?  
Que segurança tenho ao sair pelos campos  
rumo sul ou norte?  
Preciso ter fé no meu coração...  
e se ele falhar?  
Eu sou quem? Ou o quê?  
Estou aqui para você  
ou para a morte?

Minha náusea vem do perigo das alturas  
cisma com aviões, helicópteros, radares  
mísseis, balas perdidas, celulares  
Vem também da paixão pautada  
comedida quentura  
acende e apaga  
naquele balanço de (a)mar alto

e da compaixão de baixo (a)mar  
com medida criatura  
Meu enjôo vem da confusão de Babel  
de depositar minhas esperanças na porta do céu  
alçar vôo para as estrelas  
pousar em brasa  
e ainda ficar longe de Deus.  
Minha náusea leva-me ao vômito  
e à vulnerabilidade das bacanais:  
voltar novamente à mesa  
como na Roma antiga  
e repetir o banquete escarlate  
para um novo vomito  
com vivas  
e convivas internacionais.

Minha náusea não é náusea-baratinha  
É náusea muito cara  
vem golfando profunda ânsia  
do homem satanizado  
curtido no enxofre  
Vem com repugnância, vem com desmaio  
na boca da metralha husseindo  
vem vermelha, vem cuspiendo  
vertigem dos escombros  
e do sangue derramado.

Meu enjôo vem do balanço  
acende e apaga  
de ser-aí e de não-estar-nem-aí

para todo o mundo  
no jogo de golfe do existir mais profundo  
no confronto do homem com o próprio homem  
tocando com o taco a bola de cuspir  
sua fome, sua maciça miséria  
Minha náusea vem de muita conversa fiada  
meu fastio vem de muita notícia desencontrada  
e da própria existência fumegando para o Nada

Minha náusea não é náusea-barata  
é cara descoberta de um momento estranho  
e revelador da dura realidade:  
mistério e dor da fragilidade humana  
É manifestação súbita em hora decisiva  
no espasmo de dizer o mundo, o invólucro, o limite  
Minha náusea vem da mentira em me dizer  
e da mentira em dizer você  
Também da possibilidade de nos dizer a verdade  
e da impossibilidade de escolher  
nossa posição no mundo

Minha náusea portanto  
leva-me à revelação da coisa  
em hora marcada  
não tão espiritual  
não tão bela  
não tão íntegra,  
híbrida Quimera  
que cospe fogo  
bem penteada para as câmaras



Porque aquela coisa e não outra  
muitas vezes sendo o que não é  
mas aquela coisa e não outra  
Aquele trem tão brilhante  
que me causa angústia  
tão alto que me espalha vertigem  
tão corrupto e dissimulado  
que me dá nojo fulminante

## **Dança dos sentidos**

A romã sorri na romãzeira,  
mostrando grandes lábios vermelhos,  
exalando um acre-forte para quem a cheira,  
como se estivesse com vontade  
de ser colhida por mãos hábeis e quentes  
e comida lentamente, com paixão.  
Essa opulência das frutas  
aumenta meu apetite  
de deitar com os cachos e, sem convite,  
molhar meu corpo na fertilidade dos campos,  
salivar espigas resolutas  
e engolir as sementes dos flancos.

Vem o sol e transforma meus cabelos  
em serpentes douradas  
viscosas, lisas, gostosas,  
que me entram na boca,  
que me escorrem nos punhos e tornozelos,  
que me arrebatam e me deixam louca,  
deliciosas serpentes...

lambo-as, enquanto durmo,  
no manto escarlate do Paraíso.

Vem um balanço de risos  
e decalca meu corpo com mil bocas de ternura  
e no jardim suspenso desses vãos me segura  
e, nessa dança dos sentidos,  
a leveza dos fogos de artifício  
cobre o céu de meus olhos docemente agradecidos.

## **Como é tua casa?**

Não tenho casa, querida,  
sou um andarilho em brasa;  
meu corpo é minha casa  
e também o da mulher que amo.

Meu teto são meus pensamentos solitários  
onde uma lamparina arde em quatro dimensões.  
A fachada, com olhos afogueados,  
é minha máscara, meu disfarce no caos.

Meu coração é o centro da casa,  
o altar e a presença de meu próprio deus:  
Durmo enquanto ele vela  
e revela minha reconstrução e apogeu.

Os orifícios são portas e janelas de Dalí  
abertas para surpresas visuais e cenas oníricas,  
para os sentidos, o amor e a fertilidade –  
ou abertas para a transcendência e unidade com o mundo.

Meus pés deixam minha nova realidade  
impressa no solo ou a levam sob a sola nua  
como marca do começo e do fim  
de minha caminhada nesta casa  
que sou eu mesmo total e potencialmente  
em pegadas misteriosas rumo à lua.

## **Desvendamento**

O rosto existe para ser olhado,  
desvendado, re/conhecido  
no espelho do amor, metal polido  
por todos os sentidos do corpo  
em linguagem silenciosa do que sinto e não falo,  
mas que conta tudo de mim.  
Um deus apagado ou manifesto está no meu rosto,  
um divino perdido e reencontrado  
no calor e na alegria de minhas faces.

Este meu rosto não é para mim mesma  
é para os outros se aquecerem  
sob asas de proteção da vez,  
lerem meus pensamentos e sentimentos  
na fala silenciosa de Deus  
perdido ou re/encontrado  
no mistério de cada rosto,  
até que em meu próprio rosto  
a revelação Ele me fez.

Na miragem reproduzem-se raios de luz  
de meu perfil interior  
e derrubando as máscaras do tempo me pus  
rumo à indenização estipulada  
para cada rosto.  
E na tela ensangüentada de sacrifício,  
há meu olhar aquecido com magia fascinante.

Vaguei pelos caminhos da paciência  
para encontrar as linhas perdidas de meu semblante  
e entender meu rosto,  
amá-lo, sem aviltá-lo,  
mesmo que me cansasse...  
E agora meu rosto sempre claro e brilhante  
é como um astro que medra,  
refletindo no espelho a verdade profunda,  
bastante para se contrapor a uma face de pedra.

Sonho com a grande viagem  
que incandesce a passagem para o outro lado...  
essência divina do êxtase  
para o terceiro céu, com meu rosto de paixão.  
De repente houve rachaduras no Paraíso  
e de lá brilha uma aura sulfurosa.  
Fui surpreendida pelo Belo Tenebroso, pelo Cão  
que me retirou a pele do rosto,  
arrancou-me os olhos, nariz, língua, ouvidos,  
todos os meus cinco sentidos  
com precisão de bisturi  
e fez de minha face uma máscara  
demoníaca para si.  
Seu outro-eu ficou refletido e desfigurado em mim.

Agora Lúcifer domina as Trevas dos noticiários  
onde o satânico de olhar faiscante  
é manifesto com EXCLUSIVIDADE naquele horário.  
O portador de meu rosto agonizante  
(ou de parte dele)  
retém em si o gênio e as bases do abismo  
com seu duplo monstruoso.  
E grita iracundo:  
Eu tenho todos os nomes  
e todas as faces do mundo.  
E, ao mesmo tempo, não tenho nome algum,  
nenhuma face.  
Por isso arranco o rosto seu,  
seus cinco sentidos, e deles faço minha máscara  
e reino absoluto no *show* da mídia  
vestido de amara cáscara.

Tem mais:  
Se você me esquecer  
por causa da antropolatria atual,  
certamente se esquecerá também de Deus,  
e de que tem alma, sombra e ser.

## Coisa nossa

Para todos os poetas-cantores de Goiás. *O popular*, 21  
mar. 1989.

Quem achar esse verso é meu,  
caiu da palma de minha mão  
quando meu coração inteiro era cama,  
num ofício de rendas para meu amor se deitar  
Mas toda noite eu mando um recado  
na aragem do tempo, do vento  
solteiro, rasteiro de amor,  
último sopro de um canto de herói,  
bicho ferido rasgando a canção,  
pena de ave que se perdeu  
no azul da serra, nos braços da quente manhã.  
Ave-sol, ave-maria, ave solta todo dia...  
ave-rola, ave-andorinha, quero-quero saber:  
silêncio de paz ou de omissão?  
Você no meu peito entrevero de simples questões  
uma pedra dura há de ser  
em qualquer sonho de rede vadia,  
vídeo-cristal no sol dessas manhãs tão iguais.  
E eu me roubando de mim...  
pedra por pedra, Ana por Ana,  
você na cabeça, pedra dura demais  
no rumo das coisas de vidro;  
outra metade, pássaro ferido,  
desafio com olhos de pedra  
e canto de corte no meu jardim.

Quem achar esse verso é meu  
barco sem vela, canto de arribação,  
caiu de uma estrela por aí,  
dos elos de um amor cigano;  
soltou-se da pena de uma ave de cá,  
dos beijos de juras em noites goianas  
tão belas, tão claras, tão puras, do índio goiá.  
Mas aonde passa o boi...  
passa a vida e um quê de pranto,  
passa a lira de meu canto,  
adeus tristeza cidade na garupa do verão,  
passa o berrante, o sanhaço,  
passa o cerrado e o pantanalto,  
passa o escravo e o patrão,  
cadinho de mel, a cana e o bagaço  
e tanta coisa por fazer pingando da boca.  
Também passa o Araguaia e bem-te-vis,  
as pastorinhas e Cibele,  
o ferrão de arraia, as juritis,  
os “trem bão”, o reisado e a folia...  
negra, muito negra pele.

Aonde passa o boi passa o verso  
passa o companheiro, meu amigo, e a sacola  
p’ra você se mudar;  
o fulano dos anzóis e a viola,  
criança com a mão cheia de sol e poesia  
e uma morena em canoa de dois,  
correndo atrás de se perder.

Todo canto, todo homem, toda luta, toda vida.  
Aonde passa o boi passa o verso  
passa um quê de morte,  
passa o amor de posseiro  
e o gado de corte.  
Passa a procissão e a congada  
na aragem do tempo, vento quente e rasteiro  
percorrendo a trilha do Nada;  
passam novas estradas e passos  
para meu goiano caminhar.  
Passa meu verso, meu canto avesso,  
meu coração inteiro feito cama  
para meu amor se deitar.

## **Antropovisão**

Eu vejo o homem que deixa de fruir  
a essência da vida  
e qual mariposa perdida  
vagueia em círculo  
no espaço da luminosidade artificial.

Eu vejo o homem-máquina  
que se repete, clichê  
no pensamento, nas ações  
e que se aliena nas repartições,  
nas empresas, no comércio  
nas escolas, na tevê, guichê  
de objetização, de coisificação  
do ser que pensa.

E que se obceca no computador, na internet  
e na imobilidade do diálogo móvel do celular.



Eu vejo o homem eufórico  
que camufla a fome e a violência  
e sem lamento de sorte  
faz mitologia industrializante da morte  
dos figurões e dos deuses populares.  
E a mídia repete cem vezes  
a mesma imagem chocante  
de assassinos e contraventores,  
exibe filmes de banguê-banguê...  
Desarmem-se! Desarmem-se!

Eu vejo o homem-sucesso  
para o qual a vida não tem fim  
é roda-viva de trabalho que o arremessa  
em carro de fogo, em frangalho,  
para a eternidade, ao Querubim.  
Pobre homem! Robotiza-se a esmo.  
É um deus e não sabe,  
não tem tempo de voltar-se  
para dentro de si mesmo.

## **Cavalgada com desvio**

O sangue galopa nas veias da moça,  
o cavalo, nos campos molhados de desejo.  
Dos raios vitais da moça  
pende a cabeleira da terra  
cavalgando seu branco cortejo.  
Das crinas inflamadas do cavalo

saltam faíscas mágicas do universo,  
acendendo a alegria de viver,  
a vontade vermelha de amar e de vencer.

Ciranda, cirandinha, cirandando  
com regalo, no volteio,  
de lado,  
de frente,  
por trás,  
sem freio  
e com reserva.

A moça e o cavalo  
na grande dança das plumas:  
pluma-cabelo,  
pluma-crina,  
pluma-erva-do-campo,  
pluma do cavalo e da menina  
varrendo o algodão doce do céu  
para o pescoço do cisne  
plantado artisticamente  
no lago de seda como troféu.

Ciranda, cirandinha, cirandando  
volteiam a moça e o cisne  
na brancura nazarena do tempo.  
Agora, a mulher e o cisne,  
mulher-cisne a banhar-se  
nos olhos voluptuosos de outro cisne.  
Mulher-oferenda, feiticeira, cavalga  
na ronda de lua andadeira,

sem morada permanente,  
especulando o céu e o trovão  
com seu espelho mágico de roça,  
coberto com sonhos de cristal  
e muita bossa.

A mulher e o raio,  
mulher-raio, botas-sete-léguas, ainda cavalga;  
vai ferindo as trevas  
e traçando de soslaio  
o caminho do arco-íris,  
abrindo a cancela de tréguas  
para as cores do outro lado  
do mistério e do Além.

## **Balada do barato**

Erva maldita maldita erva  
quantos dias mal vividos  
quantas noites mal dormidas  
Como o Bicho-Preto-Pé-de-Peia  
mil nomes tens  
e em seu cachimbo (dele usuário)  
fumegas tempo infindo desdéns  
No corpo as cicatrizes de tuas tenazes

Ó pó pedra picada satanizada  
coisas do demônio em comprimidos  
ou em laboratório sintetizadas para ti  
Ó cogumelos dos deuses e desagregadores da família

ó escravos do ópio  
que bebem o próprio xixi  
para alteração da consciência  
dos neurônios do espaço e do tempo  
No corpo as cicatrizes de tuas tenazes

Trago em três décadas a cabeça cheia de teus desmandos  
no rosto os sulcos profundos de tuas espirais  
nas frentes a névoa de tua sonolência  
na boca o zinabre de tuas bacanais  
nos dedos o registro-açafrão de tuas viagens  
nos olhos o rubro de teu perigo  
no sexo a impotência de teu poder  
no peito os cacos de teus espantos  
No corpo as cicatrizes de tuas tenazes

Há quanto desejo rasgar-te os petrechos  
deitar-te ao limbo das coisas inúteis  
atirar-te granada aos pés  
assombrar tuas aves de rapina  
romper-te os grilhões nas noites arregaladas  
nas estateladas noites  
Mas tu és onda gigante astral  
mafiosa és cápsula do vento  
tuas teias como as da aranha  
quanto mais se quer libertar mais se apanha  
e mais se atrelam nos galhos secos milhões  
E no corpo as cicatrizes de tuas tenazes

## *Ofertório*

A ti meu Príncipe (ou Princesa)  
esta balada do barato filha da arritmia  
cheia de onda do fogo devorador  
que te fará dançar no castelo da tribo  
ou que te fará queimar num cubículo  
sozinho solitário e velho  
No corpo as cicatrizes de tuas tenazes

## **Poema de natal**

O que buscais?  
Olhando para os escombros  
das cidades e das rochas  
onde vossos irmãos foram pulverizados  
no silêncio da noite?  
Um membro foi decechado?  
Enxugai o pranto de vossos ais:  
as vítimas de impulsos diabólicos  
ou de mentes assassinas  
levantaram-se dos sepulcros  
em tochas de açoite contra a violência.  
A gênese esteve de parto e deu à luz  
novo céu e nova terra  
cuja madre se abrirá e gerará  
imensa bondade — mamareis e sereis fartos  
nos peitos da vida, um anjo me disse,  
e as selvas refeitas vos afagarão  
sobre seus joelhos até à velhice.

Não temais: notícias de alegria  
consolidar-se-ão no Haiti,  
Iraque, Israel, Cisjordânia,  
Paquistão, Nigéria, Sudão...  
e perpetuar-se-ão até à Baixada Fluminense,  
favelas  
e em todo Brasil.

Uma grande luz brotará das trevas  
como estrela-guia, iluminando os sábios  
contra Herodes, o abutre de vosso tempo,  
para que vossos céus não sejam roídos por traças nucleares  
nem vossas vestes embebidas em sangue  
sejam arremessadas para os ares.

Os cetros de ouro dos opressores foram quebrados:  
crianças já pulam do ventre de gerações responsáveis,  
multiplicando-se em saúde incontida  
e, elevando-se de espoliada nação,  
enchem de fartança os famintos da terra convertida  
em espigas tocáveis à baixa mão.

Um decreto tramita em palácio  
para que todo o mundo saia desarmado  
pelas ruas e pelos campos,  
porque a vida é a luz dos homens.  
Um arcanjo virá sobre hospitais,  
presídios, mesquitas, bancos,  
jornais, escolas, mulheres grávidas, nenéns-de-colo,  
velhos e mancos,

cobrindo-os de resplendor de alegria,  
de boa vontade e de paz,  
ab-rogando também o sacrifício de cavalos e de animais  
[pequeninhos

que não dão mais lucros, nem servem de regalos  
nos páreos humanos...  
e precipitando no abismo o mercenário,  
lobo que abate os rebanhos das fronteiras.

Bondosamente, vós, operários,  
sereis levados, como formigas obreiras, em espirais,  
à Serra do Resgate.

Mostrar-vos-ão pedras preciosíssimas,  
cristais resplandecentes

e atirar-vos-ão canas de ouro  
a fim de medirdes as cidades  
de vidros transparentes,  
sem poluição e de portas abertas  
de dia e de noite

porque não haverá mais bandido nem ladrão...

Voltareis com júbilo dos festins das bateias,  
de vós fugirá para sempre o gemido da servidão:  
as mãos atrigadas e estendidas... de louro cheias.

Das catedrais de todos os credos subirão orações  
perfumadas de mirra, incensos queimados  
em taças de ouro das multidões  
renascidas do pó  
do novo céu e da nova terra.

No presépio do mundo brilhará a estrela da paz!





# IV

A terra não é somente o colo materno de que provém a vida, mas também a sepultura para a qual ela [vida] retornará.



# Labirinto improdutivo – MSP

(Movimento Sem Poema)

MNOY I N E N T O S E M P O E M A  
O O O Y I N E N T O S E M P O E M  
Y O M O Y I N E N T O S E M P O E  
I T O M O Y I N E N T O S E M P O  
M E Y O M O Y I N E N T O S E M P  
E M Y O M O Y I N E N T O S E M  
N E M I Y O M O Y I N E N T O S E  
T N E M I Y O M O Y I N E N T O S  
O T N E M I Y O M O Y I N E N T O  
S O T N E M I Y O M O Y I N E N T  
E S O T N E M I Y O M O Y I N E N  
M E S O T N E M I Y O M O Y I N E  
P M E S O T N E M I Y O M O Y I M  
O P M E S O T N E M I Y O M O Y I  
E O P M E S O T N E M I Y O M O Y  
M E O P M E S O T N E M I Y O M O  
A M E O P M E S O T N E M I Y O M

## Canto e reza dos agricultores

Goitacases e goiases  
deram morada a Ceres,  
deusa da agricultura,  
e o céu estrelado,  
com a lua clara de cá,  
cobriu-a de luz,  
força e carinho extremos,  
oferecendo-lhe morada segura  
nessa terra que cantaremos.  
A terra é mulher:  
Enxadas, arados...  
lançai em seu ventre  
a semente para seu mister.  
Haverá prosperidade sem fim  
pelos frutos que ela parirá  
de suas entranhas,  
pois dos seios da justiça nunca surgirá  
fome, nem notícia ruim  
e aqui ninguém se lastimará  
pela ausência do mar  
em nossas campanhas...

Terra, és a *mãe universal*, homérica,  
que se encrava em incógnitas  
nas profundezas e potências de tuas raízes;  
és a anciã prestigiada de infância,  
saber e alimento ancestral de todos os tempos,  
de todos os carvalhos e heras que vivem em teu solo.  
Toda força nasce de ti, quadrada ou esférica  
namorada e protetora das crianças!

És o começo e o fim:  
és tu quem nos dá o sêmen do céu e da vida,  
és tu quem nos recebe e dizes:  
*Germe fecundo*, volta ao colo  
ao término da lida,  
no ciclo das sementes...  
Aquele que te honra, ó terra,  
será recompensado com boa colheita  
e seus rebentos prosperarão  
e sua casa se encherá  
de riqueza e de boa convivência.

Porque tu és mulher:  
Enxadas, arados...  
lançai em seu ventre  
a semente para seu mister,  
engravidando as covas de esperança  
e de prosperidade do arroz e do milho,  
numa evolução erótica  
sobre sua pele de flor  
vermelha de sacrifício e de paixão.  
Reparti-a entre os famintos, com brilho,  
para nela colherem o pão  
e sorverem nos cálices o esplendor  
dos bagos sorridentes das vinhas:  
uma folha de parreira  
para lhes esconder a queda nas origens;  
um sangue que os redime ao final,  
nos eldorados do tempo, nos lagos à beira.  
Bailarinos dos arados e das ceifas,  
homens das sementes,

bebei dessa alegria em taça mágica,  
com todos os vizinhos, amigos, parentes  
e deuses da fecundidade e da fartança,  
pois a festa só terminará trágica,  
se os tonéis se esvaziarem  
nas torneiras da violência e da intemperança.

Jesus sertanejo, Jesus agricultor,  
nós te louvamos com nossa voz goiana,  
marcela, augusta e João-caetana,  
com nossos leonardos, afa-tulhas, gustavos e perilos cantos.  
Nós te agradecemos sivamente  
em frevo e forró de picadinho santo.  
Nós te ofertamos em quinteto violado  
um canto de despedida e uma toada de gado.  
Nós te exaltamos na gaita borghettiana  
para um minuano soprar o ponto  
e sustentar o fole, à gaiteana.  
Nós te alcançamos brancos, redimidos,  
viajando nas asas do acordeão  
de Dominginhos ou de um Gonzaga universal.  
Nós te erguemos um peão de amarração  
com Elomar e Xangai.  
E te oferecemos um toque Sater e Renato Teixeira  
ou um galope à beira-mar e percussão,  
nas cordas de um quinteto armorial.  
Nós te entoamos a tristeza do jeca,  
junto à viola de cego — Renato Andrade...  
E tudo que tem fôlego  
louve a ti de verdade:  
pelos frutos da terra,  
pelos frutos do rio,  
pelo arroz com pequi,

guariroba no centro de convenções,  
pelo milho, pamonha e curau,  
pelo café central dos negócios,  
pela mandioca, farinha e algodão,  
pela cana, rapadura e caninha,  
tão nossa, tão minha boa idéia.  
Nós te ofertamos um punhado  
da mãe-terra e te mostramos  
o boi gordo, o gado no pasto,  
ou no Pantanal.  
Olha o leite, a soja, o milho,  
o alho para o arisco prato,  
ouro, níquel, cristal,  
grutas, esmeraldas, pedras brilhantes e bonitas,  
lagoas e águas quentes para turistas.  
Nós te glorificamos na nobreza do mogno,  
na delicadeza do cerrado  
e na durabilidade do angico.  
E por eles te bendizemos nos beirais,  
nos sobrados, nas escadas da velha Goiás  
e nas escaladas de Santa Bárbara no pico.

Jesus sertanejo, Jesus agricultor,  
nós te oferecemos ouro  
em nossas cruces, lanças e espinhos  
de martírios no sítio da mineração.  
Nós te erguemos cachos de arroz,  
nós te levantamos bonecas de milho,  
vaidosamente vestidas  
de saias e sobre-saias de Cora,  
como troféus de vitória e de pão,  
no ciclo das sementes.  
Nós te oferecemos, agora,

nossas pás, enxadas, arados e presentes,  
no ritmo estropeado desse canto.  
Nós te ofertamos nossas violas,  
sanfonas, rabecas, pandeiros,  
cavaquinhos, berimbaus, flautas, violões...  
E, no silêncio desses instrumentos,  
nós te oferecemos os crimes, as injustiças  
que são feitos contra nós,  
autênticos agricultores.  
Jesus, sê conosco, ouve nossos clamores  
Ave! Resplandece o teu rosto  
sobre os ofuscados nas glebas enredidas  
do esquecimento e das privações.  
Ergue sobre nossa roça  
a ressurreição anual de espigas e de grãos.  
Determina que quem governa observe  
e seja como quem serve.  
Come conosco, Senhor, antes que padeçamos.  
Fecunda a terra brasileira  
com bagos de esperança e paz  
e fecha as covas de nossa peregrinação.  
Manda chuva em abundância mas equilibradamente  
na próxima estação  
para que não voltemos vazios, esburacados, sem pontes,  
famintos, sedentos, desabrigados e vestidos  
com o discurso da violência e da enganação.

Jesus sertanejo, bom semeador,  
nós te erguemos, nesta hora de despedida,  
nossas mãos alagoanas de memórias do cárcere,  
nossas mãos escravas de tabaco, cana e café,  
nossas mãos goianas, doceiras, coralinas,  
nossas mãos pacientes de tanger o gado,  
nossas mãos retirantes, severinas,  
nossas mãos baianas de cacau e acarajé,



nossas mãos maranhenses de poesia,  
nossas mãos nordestinas de couro e vaquejadas,  
nossas mãos amazonenses de bois garantido e caprichoso,  
nossas mãos mineiras inconfidentes,  
nossas mãos paulistas bandeirantes,  
nossas mãos sulistas de chimarrão,  
nossas mãos brasileiras corcovadas,  
operárias do canto exportação,  
nossas mãos entrelaçadas e suadas  
na fraternidade do campo e da soja,  
mãos de pedras da terra,  
mãos de estrelas do céu,  
mãos que fecham o corpo em oração:

Deus te salve  
cruz preciosa  
por ti salve  
quem por ti  
remiu. Diz a

cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo que os  
agricultores Fulano, Beltrano e Sicrano se  
tornaram mais felizes e sem perseguição.

Eu creio porque nela está a verdade, nela  
está o poder, nela está a fé, a esperança,

nela está a  
salvação, nela  
está a vida,  
nela está a  
c a r i d a d e.

E a semente para seu mister.

5 P. N. – 5 A. M. – 5 G. P. oferecidos pela  
sagrada paixão e morte de N. S. J. Cristo – Amém.

## Reza profanada

Pai nosso que estás nos céus  
*Truque! Truco, manda ou corre?*  
*Bamo vê... Jogue aqui na terra.*  
santificado seja o teu nome,  
*Agora, tome seis, seis papudo.*  
*Doze, ladrão de tento.*  
*Não pára para escutar prosa,*  
*senão morre. Boca cheia de formiga.*  
venha o teu reino,  
*Basta matar; matou, botocudo?*  
seja feita a tua vontade  
*Joga a morta, faça o que eu mando.*  
assim na terra como no céu.  
*Deixa solto, vou pôr iscando.*  
O pão nosso de cada dia  
*Vamos puxar três tentos, Andrade.*  
dá-nos hoje.  
*Ih! Uh! Ba! Morra, trem danado!*  
E perdoa-nos as nossas dívidas  
*Meia quarta, trem bom!*  
assim como nós temos perdoado  
*Com três tá barato,*  
*com três eu não abro.*  
aos nossos devedores.  
*Põe sete-copa calado.*  
E não nos deixes cair em tentação;  
*Sua carta. Tão levantando o mastro do chão.*  
*Joga, rá... bá. Muito treino p'ro santo.*  
*Zape velho mata sete-copa e fica decadente.*  
mas livra-nos do mal

*Vamos, vamos! Tô fechado, lamento!*  
pois teu é o reino,  
*Um dois mata um ás e colhe os frutos.*  
*Você ainda vai continuar, meu bem?*  
*Truque! Joga, fedorento!*  
o poder e a glória  
para sempre. Amém.

## **Curral**

A cidade é quadrada  
mas a praça é redonda  
como tenda de quatro portas  
para o refúgio de mim.  
Da cidade quatro entradas saem  
e nela quatro saídas entram —  
as quatro direções dela partem,  
as quatro regiões para ela convergem  
e nela caem, assim:  
No centro está o umbigo do poder,  
o trono do rei, o palanque da festa,  
os papos-de-anjo do povo,  
os peregrinos, a des-união de tudo.  
Mas a praça do rodeio é redonda.  
De novo o que resta?

A cidade de cima tem portões eletrônicos  
para o sol nascente.  
É a cidade de terno e bravata,  
a morada espaçosa dos santos,  
das vacas-damas-da-Índia

e dos bois sortudos.

Quantos!

A cidade de baixo, dos renegados,  
(pode ser a do morro) não tem portas,  
é a cidade do inferno, diferente.

Tem curraleiras prostitutas, bois-de-cara-preta  
embriagados e o mocho Zé-Ninguém.

É a cidade das crianças mortas,  
com pais e mães raquíticos e mudos  
raspando as lixeiras do inverno,  
à busca de sorte também.

Porque a praça do mourão está recheada de gado.

Sob as luminárias eu corro  
e vejo um homem de braços abertos  
na cruz desse curral,  
como que pedindo socorro,  
como que pedindo agrado  
na hora do Gólgota fatal.

## **Nonagenária**

Para *vovó* Emiliana Belle da Silva.

*In memoriam*

Da janela vem a luz  
espetada nos fios  
que crocheta as horas.  
Do baú vêm as lembranças  
tecidas de segredos, de aliança  
com contos de fadas e lendas.

Linhos em demoras e atavios...  
Da cama vem a veneração  
e o novelo da conversa.  
Geração nova. Geração velha, vespertina.  
Novíssima geração. Tetrageração.  
Restauradas todas pela graça divina.  
Da cadeira balança o pedestal de glória,  
o zelo vigilante sobre o tempo  
e sobre os pecados do mundo.  
Do vaivém da agulha na memória  
desce um camelo de riqueza e sobriedade,  
atravessando o fundo do deserto e do silêncio,  
rumo ao tumulto das mesas  
e ao aconchego dos quartos.  
É a trama dos fios tecendo o destino  
dos dias e das noites,  
urdindo as formas das bandejas,  
também das mesas de caminhos fartos  
para a comunhão de todos.

Doação e labor  
nas mãos de tantas jornadas,  
mãos abertas, palmas para baixo abençoando;  
mãos fechadas, dedos unidos crochitando;  
mãos postas, pontas para o alto, meditando.  
Jamais mãos levantadas, dedos estendidos,  
pedindo ou ameaçando.  
Louvadas sejam essas mãos nonagenárias de amor.

Vovó-palmeira, mulher de pouca gordura,  
refloresce no oásis de Juno  
para o tabernáculo do parto e da oferenda.

Olhos opacos, porém os mais videntes  
e mágicos da realidade secreta  
e profunda de seus descendentes.  
Das janelas desses olhos vem a luz  
que alumia a urdidura dessas quatro gerações...  
E também a crocheter as horas me pus,  
cantando hosana  
aos seus noventa anos de vida,  
de fieira bem contada e torcida...  
Parabéns, Emiliana!

Goiânia, 21 de junho de 1991.

## **Maníaco por xadrez**

( **Bushando no xadrez** )

*Maldosos lances*

Para Wesley Rodrigues Rocha

O rei da dupla torre  
precisa fingir, fingir bem  
à procura do que não existe;  
maníaco por xadrez enfrenta realidade dramática  
e erra, mas não se dá por vencido:  
aparenta uma administração responsável da guerra.

Esse rei de marfim, em seu falso-seguro castelo,  
dá lance de espera na partida  
para um possível lance de ataque.  
Peões em casas longínquas, vestidos de fraque,  
pedem proteção à deusa Caissa:  
xeque-mate à vida.

O rei opositor, moribundo e indefeso,  
contrariando a regra, foi capturado,  
a cabeça tomba, dentes à mostra.  
Bispo no meio avançado pede clemência,  
porém o jogo continua...  
lance após lance, muitas partidas.  
Enxadristas às cegas, olhos vendados,  
o tabuleiro explodem em lance suicida.

Mas o cavalo do império é saltador,  
marcha sobre o tabuleiro do terror  
e muitas vezes é surpreendido por lance igual,  
pois as peças são talhadas conforme intrigas políticas  
e forças do bem e do mal,  
do infortúnio e da sorte  
de vida ou morte.

Glosando o argentino Borges, em *Ajedrez*:  
Se Deus está por trás do rei-jogador  
e lhe dá poder total para mover a peça,  
que mortal lhe impedirá a mão  
de fazer o que bem lhe pareça?

*Em tempo*: xadrez é cabeça, mas mata com as mãos.

## **Em busca da palavra**

O tempo é personagem severa,  
protagonista inquiridor do presente,  
mas a garganta está muda,

os pés fincados na pedra,  
os punhos movendo-se inutilmente  
com uma página branca nas mãos.

A palavra perdeu-se na fuga,  
nas mensagens sem signi do silêncio,  
nas curvas do outono sem frutos,  
desapareceu nas asas do vento  
em que cavalga o tempo  
presente, inquiridor.

### **A mulher e o rato**

O rato rói a noite  
de olhos rasgados  
no rascunho do tempo  
e dentro de mim...

*Tatu calundum*

O rato rói a noite  
pica pensamentos, preocupações  
escava as entranhas de meu ser  
e deixa os entulhos sobre meu tapete interior...

*Sai detrás do murundum*

O rato rói a noite  
rente da terra  
arrasta os retalhos  
de meus sonhos e fantasias...

*Vem pegá neném*



O rato clandestinamente furão  
rói a noite,  
mina sossego,  
rouba-me de vez o sono  
*que tá cum calumdum*

Eu afugento esse rato  
de todas as formas  
com flechas mortíferas  
mas ele volta  
e tritura meus desígnios secretos  
e rói o tempo  
e rasga  
e corta  
e pica  
e morde  
e masca  
a noite  
dentro de mim.  
*Tatu calundum...*

## **Luz indireta**

As palavras não querem poetar  
a essência da esfinge  
na noite das limitações,  
nem decifrar os enigmas da terra,  
da mãe universal com seus deuses.

Os versos são livres e brancos;  
as estrofes, de qualquer número de versos;  
as imagens fracas, agonizantes;  
os mitos já vivenciados, banais  
e sem novidade primitiva.

Percebo apenas o eco e as sombras  
das emoções que vêm de fora.  
Estou acorrentada ao tempo presente  
e, sob a luz indireta do sol,  
vejo-me refletida no espelho  
de meu outro-eu, para fora.

Onde está o mundo real  
da inteligência e das idéias?  
Ou poeta apenas sente  
e gosta mesmo é de lua,  
imagens camaleônicas, aparências e sombras?

## **Imagem de fim**

De vez em quando meu mundo estremece  
diante da dúvida de um possível amanhã  
na colheita de um fruto, no avanço do tempo.  
Não sou anjo, nem animal, nem infinita,  
por isso não esconderei minha angústia,  
minha impotência diante da linha azul do horizonte  
que avança contra minhas retinas.

Um sentimento não sei de quê,  
um indeterminado tô nem aí,  
a possibilidade antecipada de não-ser-aí  
levam-me à instabilidade e à nadificação.  
Por isso não esconderei minha angústia,  
minha impotência diante da linha marrom do horizonte  
agora bem mais próxima de minhas retinas.

# A chave do abismo

Para a irmã Dorothy Stang

Anapu – Pará

*In memoriam*

## I A árvore

Eu sou o verde, o úmido de lis.  
De permeio com o azul,  
sou a cor da água,  
dos rios, dos lagos, do mar.  
Sou a deusa verde Vênus virgem,  
Afrodite dos vales e vãos nascentes.  
Sou a mãe, mulher, matriz  
que dá à luz o novo sol do olhar  
e orvalha com pingos de amor a Natureza.  
Da vida sou a origem,  
o enigma da clorofiliana função.  
Sou o vegetal responsável  
pelo ar respirável  
e pelos metabolismos da terra em sua largueza.  
Sou a esperança e a ressurreição,  
sou a energia do cosmo,  
o eixo do mundo, a habitação dos deuses.  
Vertical, sou a escada gigante  
desde o subterrâneo até o céu,  
inesgotável em crescimento e propagação de vida.  
Sou a proteção da água para matar tua sede  
e facilitar tua lida.  
Vertical, sou a árvore do bem,  
carregada de flores, frutos e pássaros cantantes,  
com olhos esbugalhados de sol, lua e estrelas  
pingentes de sabedoria também.

## **II O corte**

Eu sou a lâmina, o corte,  
o cutelo, o machado forte.  
Sou a foice, a lua curva no caminho  
da mutilação e da ruína.  
Sou a arma do sacrifício, sou o espinho  
espetando a seiva traquina,  
sangrando o verde, por certo  
separando os sóis e as estrelas  
das raízes da terra.

Eu quero te ver na horizontal,  
árvore do mal, prene de dragões,  
serpentes ameaçadoras e escorpiões.  
Eu quero te ver parideira de deserto,  
de seca, de cinza e abstrações camelas.  
Sou a motogiro girando outono  
no andamento de tua queda,  
roncando e serrando tua cabeça secular  
carregada de primavera.

Sou o bando de pica-pau na moita  
com dentes de aço e olhos de fera  
devorando tuas entranhas,  
enchendo os papos de moeda.  
Sou a mão de ferro que te golpeia e açoita,  
que te pica em tirinhas e te faz rasgão,  
que te amarra e te amontoa em feixes  
para os chassis insaciáveis da ambição.

## **III O fogo**

Eu sou o isqueiro, o fósforo,  
o fogo com línguas de espada,

sou o fumo e a coluna de fumaça  
destruindo o tempo na queimada,  
lesando a amizade milenária entre o céu e a terra.  
Eu sou o mercúrio da água gosmenta  
conduzindo-te em minhas asas de ouro  
para o reino dos mortos numa grande tormenta.  
Eu chicoteio a Natureza do deus Pã  
com chibata de ferro e braços de fogo  
e deixo a abertura, o buraco para a morte  
nas costas da terra,  
como janelas de Salvador Dalí  
nas costas de suas figuras.  
Eu sou a marca da prosperidade  
no teu rosto de nuvens escuras,  
o sangue escorre, a tatuagem fica aí.  
Raios e cicatrizes. Queimaduras de Satã.

#### **IV O apocalipse**

Eu sou o anjo da quinta trombeta  
e vi a chave do abismo  
despencar do céu de chofre,  
agarrada no rabo de uma estrela.  
Uma cratera escancarou sua boca de enxofre  
e dela brotou um desespero de gafanhotos  
com asas de prata e dentes de leão,  
peitos de ferro e caudas de escorpião  
espetando os homens para o fundo do abismo.  
Vieram atormentar todos aqueles  
que não têm em suas testas  
o sinal verde de Deus.  
Mas até a morte fugirá deles.

Um ai, dois ais, muitos ais  
e esses homens não morrerão  
para se encontrarem no solo com os vegetais.

## **A mulher-aranha**

Preciso de alguém para tecer  
um fio de prosa comigo.  
Esta cidade não me serve mais.  
Arrastando-me de quatro,  
entre sombra e tenebroso asfalto,  
sairei do subterrâneo desta via marginal  
e levarei resquícios do bosque como recordação.  
Por certo acharei alguma cabeça humana,  
cabeça de verdade, miniatura e cacique do mundo.  
Não um monte de esterco, dentro da toca  
a exalar mau cheiro,  
demônio-cabeça a desdenhar-me  
em ritual de dança macabra.  
E, no labirinto das estações,  
aonde quer que eu vá, ouça seu alarde.

Preciso de alguém para tecer  
um fio de prosa.  
Estou selvagemmente só, nua,  
com fome e procuro abrigo.  
Por certo encontrarei um índio,  
homem da lua, em sua canoa de jacarandá  
que, com u'a mágica canção, um assobio,  
me levará para a superfície  
ou para o colo marrom da terra.  
Enfeitarei meus cabelos com flor de maracujá.  
Porém acaba de sair Avá,  
arco-e-flecha de sua cabana.

Preciso de alguém para tecer um fio.  
Estou curiosa, quebrarei os segredos  
desse espírito da lua, desse meu hospedeiro.  
Visitarei a vizinha proibida...  
A mulher-aranha, velhinha tecedeira  
tece taquara no balanço da peneira  
e sentencia minha sorte na roda do tempo vestida:  
Índio quer p'ra você morte.  
As mulheres da tribo soltam lamentos,  
pedindo clemência contra os maus espíritos.  
Dos umbrais da oca contemplo todos os mistérios  
e, como viajante em sentimentos sinuosos,  
procuro entradas e saídas,  
presente e palavras  
que não sejam enganosos.

Mas... preciso de alguém com quem tecer.  
Mulher-aranha, velhinha tecedeira,  
me dá um fio  
para eu descer ao subterrâneo de onde vim  
e me diz para eu deixar os olhos abertos bem,  
porque minh'alma está em trevas também  
e desse cálice transborda.  
Meu Deus, falhei!  
Não consegui abri-los a tempo  
para meu estado real  
para as produções fecundas,  
para a razão e para a intelectualidade.  
Numa aranha me transformei...  
tecendo o véu das ilusões, afinal.

Preciso de alguém.  
Minha experiência foi infrutífera  
e para mim mesma, mortífera.

No caminho, esqueci-me de olhar  
para o azul do céu,  
para a luz que unge as divindades  
e minha esperança teceu-se frágil  
na teia da aranha  
e meu riso gostoso esvaziou-se da boca  
nas águas do rio fundo  
em ondas crescentes e de dança ágil.  
Assim, continuo em permanente desafio  
a esculpir no piso de minha catedral interior  
o novelo de uma vida antiga  
para, em conexão essencial,  
fiar uma outra vida;  
tecer com raios de sol meu destino  
para o centro-Criador.

## **A tetraktys**

(A tétrade pitagórica sagrada)

$$\begin{array}{c} 1 \\ 1+1 \\ 1+1+1 \\ 1+1+1+1 \end{array}$$

$$1+2+3+4=10$$

Sobre o caos pairava o *ar* escuro e o sopro desse princípio criador poderia fragmentar-se no futuro para originar outros elementos. Esse hálito vital do ponto não manifesto equivale ao espírito fundante. É o número *um*: o não-criado, o eterno gestante.



E o número um, ar ou espírito criador, copulou consigo mesmo e concebeu a *matéria*, o germe para a manifestação e desidéria do casal, para o dualismo e o conflito entre criador e criatura. Pois as ameaças latentes ou a reciprocidade estão no número *dois*.

Então o sopro divino uniu-se à matéria, substância primordial indeterminada, e fez o líquido da agonia inconsciente para resolução do conflito e volta ao equilíbrio pela sobreposição do espírito àquela matéria. Essa massa indiferenciada, cheia de promessas, mas sem forma, é a *água*, o número *três*. Número três do triângulo, da pirâmide brotada dessas águas primordiais, da pirâmide-árvore com enfeites de Natal e da pirâmide funerária colossal dos faraós e reis.

Três é Trindade

Deus é três:

o Pai criador, a fonte

o Filho, o rio de água viva no monte

o Espírito, a bebida de deidade.

O espírito estava lá no princípio e girava em espiral ou em círculo e bafejava vida na criação de tudo que é. Já havia gerado calor que transforma a matéria indeterminada e a água, nesse conjunto indiferenciado. Agora engendra o sólido, a forma evolutiva e perecível, situando-a no espaço dos embates de consciência que os homens têm de si e dos próprios atos.

Essa totalidade da concepção cósmica é a *terra*, o número *quatro*, das estações, dos pontos cardeais, das fases da vida.

E o bailado dessa espiral ou círculo criador — no espetáculo da totalidade universal em quatro números consecutivos — teve um efeito mágico, levou o mundo criado ao êxtase, provocando-lhe o desejo de deixar a

terra do casal e voltar à verdadeira essência dos sistemas decimais, ao número um, do qual todas as coisas se originaram. Pois, quanto mais se distancia desse número, mais o ser criado se materializa e involui. Daí, o final do ciclo da criação marcar o retorno à unidade criadora, à completude da gênese. Dez é a volta ao útero do tempo:  $1 + 2 + 3 + 4 = 10$ . Dez é o último número primordial e traz à unidade a totalidade do universo.

Porque Deus é perfeito,  
também é circular,  
redondo, sem defeito.  
Deus é decálogo  
em um só mandamento  
para o Poeta, para a Poetisa,  
também para Moisés.  
E no anverso:  
Deus é um,  
Deus é dez.

# Apêndice



## Diálogos com *Canto & Cor*

*De:* Ercília Macedo-Eckel,  
Goiânia-GO.

*Para:* Armindo Branco Mendes  
Cadaxa, Nova Friburgo-RJ, a  
propósito desse livro fluminense de  
poemas, publicado em 2004.

### **Estiagem**

Fito nuvens precursoras de chuva  
sem qualquer preocupação social  
e estremeço entre a jangada, a margem ou curva.  
Ancorado volto a viajar sem tropeço  
fugir com as nuvens  
e falar de flores impudicas  
regatos, cores, aragem.  
Na varanda zumbem abelhas  
que fazem festa em corolas abertas  
e em orquídeas virgens  
que se desnudam na estiagem.

Não me agravo. Nada vejo  
e na rede adormeço  
(Finjo adormecer desdizendo versos perfumados).  
Penetrante olor de cravo  
abraçando rosa, bem-me-quer:  
a volúpia, o homem e a mulher.

## **Gavião**

Gavião real está no ninho  
nenenzinho de colo, apetite contido  
esperando paciente, bico no bico, caldinho  
réstia de luz: um olho no sol, outro na lua.  
Gavião de penacho no pé de serra  
pelos pais controlados em voejos curtos  
tem esperança de luz e de liberdade.  
Mas a disciplina é rígida, de convento  
até aprender a reza dos caçadores  
trazer presas vivas e voar solto  
como deus dos espaços siderais.  
Uma primavera, outra primavera, cores  
cânones e ensinamentos esquecidos.  
Agora é falcão adulto, cabeça de sol nascente  
buscará companheira nas alturas da serra absorto  
construirá seu próprio ninho rococó.  
Não haverá degraus, nem coluna de granito encimada.  
Apenas penas, lanugem nos cimos deixadas  
restos de ninhos com cadáveres de coelhos  
dando cambalhotas sob a lua é demais.

E o corvo de longa memória e voz profética  
crocita seu refrão: Nunca mais!  
Desse nicho abandonado não me servirei  
nem relatarei eventos  
do tempo do ouro em pó de Goiás.

## **Verde-limo**

Essas águas lodacentas  
onde sapos esculpidos em pedra sabão  
martelam o cancionero da chuva  
das fontes e nascentes  
já foram águas cristalinas.  
Brotavam do centro de densa vegetação  
hoje substituída por soja e braquiário.  
Talvez me reprovem esteiras dançarinas  
por dar sentido ecológico, político ou social  
ao que escrevo ou digito.  
Mas o templo da deusa Ísis  
por vezes está alagado, coberto  
águas verde-limo  
por vezes deserto  
caminho de pedra do Egito.  
Potira-Flor daqui não vê mais canoa  
sumir na curva do rio e chora sem rumo.  
Teme que Tupã, a Mãe do Trovão,  
não queira transformar suas lágrimas em diamantes  
gotas de chuva para regar esse chão.  
Sacerdotisas entoam cantilena aos deuses do Olimpo

que os desterrados dos vários países do mundo  
regressem às suas pátrias emplumadas de verde  
orvalhadas de liberdade e vida plena.

Que as cheias do Nilo ufano  
não soterrem o altar de Ísis  
cheguem até aqui, tragam limpo humo  
e não afoguem os deuses dos templos goianos.

## **Círios e velas**

Círios são velas velando lembranças verticais  
perturbadas por um sopro de devaneios horizontais  
como brasa queimando o rosário tresnoitado de *mea culpa*.

Chamas da existência, brevidade da vida  
sopro para apagar velas de bolo de aniversário.

Um único sopro

pode reduzir a pó um passado triste  
ou ressuscitar doces lembranças.

É indispensável uma vela meio consumida  
para cavar um pote de ouro enterrado  
na caverna dos tempos coloniais.

E basta um círio novo com pavio bem torcido  
para vencer o Dragão, monstros e tempestades  
que sou eu mesma.

O tesouro oculto também sou eu mesma  
na minha brevidade de vida:

De manhã, bem acesa, quente, retesada  
à tarde, meio acesa, ainda fumegando  
à noite, aos poucos me extinguindo, apagando.



Porém algumas lembranças brilham  
por mais tempo, me durando, me queimando  
lentamente, me apagando bruxuleantemente,  
na ponta de círio da existência.  
Ainda assim prefiro círios e velas acesos do presente  
aos que estão por vir.

## **Penitência**

Logo eu que acreditava ser penitência  
um atraso do espírito...  
manhã após manhã em jejum  
envergo estrelas de ferro  
na ponta de uma chibata sobre as costas.  
Caminho dia após dia ajoelhada em pedras  
macerando-me a carne.  
Mas o que mais me dói  
noite após noite  
são os filhos e netos que se foram  
não podendo eu ter estado  
no ninho ao lado deles  
nas duras horas do Nada.

## **Argonautas**

Em busca do Velo de Ouro  
no Rio Vermelho de hoje o encargo  
vibram remos nas pedras rumo ao tesouro  
levando a fina flor da mocidade goiana, antiga capital.  
Elder Camargo, o construtor de seu navio Argo  
conduz cinquenta e dois argonautas

em busca de riqueza material ou espiritual  
como na busca do Santo Graal.  
Os encantamentos de Nicéia — da antiga Rua XV —  
não a que caiu na armadilha de Dioniso  
mas aquela que lembra Medéia  
e as feiticeiras de Lady Macbeth —  
Friso: Nicéia conquista e subjuga os cavaleiros do Argo  
promete-lhes eterna juventude e virilidade  
e ensangüenta a corte  
o Conde dos Arcos contigüidade  
com seus crimes hediondos.

Ondas, rochas, tufão, barco nos ombros  
estreito perigoso, anos perdidos, paixão.  
Enchentes imensas, lama escorrendo da serra  
paredes que se precipitam no abismo reinante  
águas que devoram a embarcação, a cidade, a terra.  
O rio encarneira-se nas vagas inocentes de cascudos gigantes  
domina burrinhos de lenha, cavalos mouros  
cujos cascos são ferrados com dentes de Dragão.  
Esse monstro é o primeiro que deve ser vencido  
nos seus desejos de glória e perversidade  
antes de conquistar o Tosão de Ouro.

No entanto cada argonauta vai à deriva  
com seu Dragão interior, cabisbaixo.  
De minha parte planto comigo-ninguém-pode  
mastigo dentes de alho-porro, alho-macho.  
Há salvação, não me abalo  
retorno à tona, arremesso-me num carro de fogo  
no turbilhão reconheço Elias e Juno  
ganho as alturas da Igreja de Santa Bárbara

do Morro do Canta Galo, da Serra Dourada.  
E juntamente com a embarcação consagrada a Netuno  
por um momento tornei-me uma constelação.

Um par de fênix colhe plantas aromáticas  
gira na praça do coreto  
e reúne incenso de sapoti  
no ninho que se transforma numa pira  
odorífera e fúnebre grelha  
de cujas cinzas ressurgem nova parelha  
e nova Cidade alimentadas com gotas licorosas de pequi.

Anos depois a nau Argo desce à Terra  
e é conduzida em romaria para Trindade  
como ex-voto consagrada.  
Enquanto isso os cães ladram à vontade  
as estrelas brilham mais intensamente  
e um carro puxando por serpentes voadoras  
saltou do espaço para escoltar Nicéia.  
Novas vinganças? Enviando vestidos envenenados  
às princesas casadouras?  
Tranqüilamente volto ao meu fogão caipira  
botija de barro, folhas de louro, alfavaca  
ervas mágicas com cheiro de primavera.  
Porém argonautas arruinados levaram meu feijão dourado.

O resto é dedo de prosa torcida na embira  
anterior à Odisséia  
e lenda mais complexa  
que, no canto das almas, abrir janela.

## **Luar de maio**

O frio é pouco por aqui  
desço as ruas estreitas, de pedras irregulares  
e subo pelo Largo do Chafariz de cauda  
de cena bucólica ainda  
nas retinas de meu tempo de menina  
vacas circulam sob mangueiras de doçuras infindas  
no ritmo das *Noites goianas*, de Joaquim Bonifácio.

Da praça observo ladeira abaixo  
quaresmeiras enfileiradas, chuvas-de-ouro  
flamboiãs desembainhando espadas vermelhas.  
Debaixo das sacadas o posfácio  
palavras de advertência final sobre serenatas  
noites de trovas, de beijos, de juras  
e sobre o manto de prata vindouro.

## **Dunas**

O desgaste lento do tempo  
transforma a cordilheira, a montanha  
o que já foi rochedo altaneiro, graúdo  
em raso monte de pó.  
A verticalidade dos chuviscos sobre as pedras  
desce pelas fissuras  
e as rochas debulham-se em calhaus  
os calhaus em pedras miúdas, em mó.

O vento da vaidade transforma o alto em baixo  
como na ampulheta  
no escoamento inexorável do tempo  
montanhas tornam-se aos poucos em areia.  
Dunas invadem o mar, a cidade, a aldeia.

Estátuas famosas e beldades vazias de idéias  
também corroídas pelo tempo e da luxúria objetos  
são hoje mocréias implantadas  
bustos siliconados  
dedos secos para afetos.

## **Cantos**

Os homens lógicos, de pés no chão  
não sabem voar, ler versos  
não ouvem a lira moderna  
o canto poético ainda preservado  
pardais, sanhaços, andorinhas, bicudos  
pássaros-pretos e trinos canoros diversos.  
Maritacas imaginam silenciar o milharal  
mas bem-te-vis denunciam tudo.

Quando ao ninho se recolhem  
podem soprar fortes ventos  
um torvelinho violento, um pesadelo  
sacudindo sonhos de homens e pássaros.

Acordo com o barulho do sol nascendo inteiro  
o lençol revolto.  
E começo a voar leve e solto  
nas asas canoras da lira

canto e cor sem conta.  
Os rios param seus cursos  
os relógios seus ponteiros.

## **A poeta e as górgonas**

Não gosto de ver sangue, pescoço cortado  
nem de galinha caipira  
por isso tenho uma garrafinha de água mineral  
Fonte Mina da Lua sobre a mesa de musa.  
Não bebo da fonte de sangue de Jerusa  
*sinistro espelho em que a megera se mira!*

Ou seria eu paradoxalmente cúmplice  
espelho de monstros  
uma poeta maldita, tendo serpentes por cabelos  
opondo-me à ordem das coisas  
defendendo a morte, amaldiçoando a vida?  
Cabeça de Jerusa, de Tiradentes, de João Batista  
dos decapitados no Brasil, no Iraque...  
Muitos se tornam mais vivos, percebíveis  
depois de mortos, invisíveis  
revelando segredos do sagrado ou do monstruoso  
de olhar penetrante, feiticista  
boca escancarada, à espera de arrimo  
língua pendente, de cachorro cansado  
cabelos ninho de guaxo  
tranças de limo  
setenta centímetros de comprimento.

O monstruoso, o bode expiatório é sempre o Outro  
o estranho assustador, de mau-olhado.  
E nem todo monstro é feminino

petrificante, fonte de terror, de olhar mortal  
e nem todo salvador é masculino  
e proprietário do divino primordial.  
Porém sob a máscara pode haver um rosto virgem  
de rara beleza, olhar fascinante, esverdeado  
um rosto de santa, cristão.  
Também é possível ver o próprio rosto  
jerusando ou medusando em monstruosa transformação.

## **Estações**

Na primavera, as sações marcam o ritmo da vida  
e têm mudado muito  
nesse meu cerrado de economia diversificada.  
Apesar do açoite e de grandes áreas feridas  
ainda há barus verde-esmeralda  
bromélias e orquídeas nativas.  
Crianças e jovens cascadeiam  
colhem braçadas de josés-sem-vergonha  
e outras florezinhas do campo de preservação  
e como aves chilreiam.  
O mensageiro dos deuses guarda  
as encruzilhadas, as estradas, o altar  
e tem nas mãos uma varinha mágica  
e asas nos pés para salvar  
pica-paus, periquitos  
periquitinhos-do-reino e urutaus.  
Gaivotas mergulham, flechas trágicas,  
levantam vôo com pesca no bico  
rumo ao pipilar dos ninhos.

No verão o sol brilha sobre espigas  
vermelhas como tochas acesas  
e quentes como o calor de nossos corpos.  
À noite estacionamos os carros em diferentes esquinas  
ficamos nus, com dificuldade respiramos.  
A terra treme, o coração formiga.  
Jacarés olhos de estrelas, cuspidos fogo  
pedem socorro na voz que vem de dentro  
de nós mesmos a perturbar.  
Troncos de árvores centenárias são devorados  
pela chama alaranjada  
da cobra-que-corre, cobra-de-fogo, a boitatá  
que engole ninfas, iaras e sereias  
invisíveis em noites de lua cheia  
onde o rio das paixões se descortina.

No outono da terra marrom surgem arbustos  
despidos, troncos enrugados, suportes de acauãs  
porém carregadinhos de frutas:  
gabirola, murici, mangaba, mamacadeira  
sapoti, jabuticaba, não importa sejam temporãs.  
Dioniso vestido com pele negra de bode  
é deus do êxtase  
dança entre a destruição e o equilíbrio seu pagode  
e se embriaga com vinho tinto  
da uva esmagada com o pé  
e que elimina a fronteira entre o profano e o divino.  
E grita:  
Santa embriaguez, vamos rir  
rir à vontade, irmãos de mel e vinho



até que sejamos trespassados  
por fogos-fátuos vindos de bambuzal indígena  
em fim de tarde goiana  
e por um raio de demência sejamos ofuscados.  
E acrescenta galhofeiro em seu delírio báquico:  
Eu não sou louco!  
Eu... não... sou... louco!  
E o poeta responde:  
*Remédios? Somente os caseiros.*  
*Trajes? Os de cabana.*  
*E coisas do gênero.*

No inverno há sombras  
e lembranças engavetadas em tom pastel.  
A escuridão com sua túnica preta  
está prestes a adentrar o portal do Invisível  
no cortante do cinzel.  
Silêncio tece silêncio  
e da fria salamandra a faceta  
de apagar o fogo de uma composição lilás  
circundada por cipreste e gigantesco vaso verde-limo.  
Há silêncio que tece silêncio  
para o indesejado destino  
debilitado e franzino.  
Em casos que o tempo passa, esfria  
e não há mais produção nem valia  
em breve o carvalho fulminado por um raio  
baixará a terra  
onde o rio em declínio seu percurso encerra.

## Contratempo

Quando menina invejava nuvens e pássaros  
hoje contemplo copas de palmeiras e de árvores  
por mim há mais de décadas plantadas.

Tão altas folhagens, tremeluzindo ao vento  
levam-me com elas em devaneio pelos ares.

Porém o céu se transforma  
nuvens se formam, pássaros fogem.

Sopra um forte vento

São Pedro solta rojão

grandes galhos se descabelam  
curvam-se às rajadas até ao chão.

Batucam pedrinhas de gelo na vidraça  
em minha sala de leitura me refugio  
e cercada de verde e do Alemão  
não temo contratempo nem ventania.

## Aragem

As semanas se arrastam como velhas tartarugas  
o sol tropeça ofuscante no buraco de ozônio  
asfixiante sobre nossos membros pesados

mente lerda, espírito abatido

e tumultuado com as palavras, um pandemônio.

Frustra-me o último consolo: poetar.

Amparada nas muletas, como Cora Coralina,  
vou até à varanda onde cultivo medicinais heras  
contemplar a pica-pau e a fogo-apagou  
chocando nos troncos de primavera.

Observo que o vento varre nuvens ligeiras  
e vem minha pele acariciar.  
Essa aragem pode trazer-me esperança de chuva  
a alma lavar e a mente da poeta renovar.  
Vem o vento frio e tranca as flores nas sépalas.  
Não fossem estéreis  
ou tivessem feito voto de castidade  
na certa seriam fecundadas  
por um deus alado, sorridente, cortesão.  
E mesmo atrás das grades se desnudariam  
à espera de insetos ou beijos quentes  
que as cubrissem de pólen.

*Post scriptum:* Abraços de parasitas  
e de ervas-de-passarinho  
pecos frutos dão.

## **Ufanismo**

Troquei meus sonhos com nuvens  
por pipas ao vento  
aves pairando alto  
sobre templos, catedrais  
museus, muralhas, montes  
papagaios no firmamento  
e na linha do horizonte.

Vejo galos-da-serra sobre esmeraldas  
ouro, diamantes, cristais  
ipês roxos, brancos e amarelos.

Paio sobre a arte barroca de Veiga Vale  
do menino Deus criador  
e sobre a arte de Goiandira do Couto  
com telas de areias multicores.  
Solto pipas sobre ladeiras, becos  
e telhados coloniais sedutores  
da ex-capital e de outras cidades do interior.

Nessa terra há comida gostosa  
em guias apregoada  
peixe-na-telha, guariroba, pequi...  
Não se esqueça jamais  
temos tudo isso aqui  
Caldas Novas, Pirenópolis, Aruanã  
Alto Paraíso e muito mais.  
Macunaíma sonhou  
que Pasárgada seria Goiás.

## **Olhos como entrada**

Agora política e ecologicamente incorreta me confesso:  
À moda chinesa de banquete ritual  
olhos de tucunares são servidos  
como entrada, arrancados de peixes  
ainda vivos e previamente consagrados.  
Não quero salvar o mundo  
nem preservar raça pura  
e me sirvo também da sinistra vasilha de barro  
em que brilham olhos de animais diversos  
cozidos ou fritos.  
Os de tartarugas me olham esbugalhados.  
Arreberto-os como jabuticabas maduras.

Que dizer dos homens condenados  
no panelão canibal do mundo  
tornozelos e pulsos atados?

## **Alfa**

Na penumbra do quarto  
devagar me deixo avançar  
por rosáceas texturas de seda  
cujas dobras guardam perfumes e segredos.  
E vejo o bosque de anacondas e cipós  
a me enlaçarem o corpo farto  
que mal consigo respirar após.  
Corro para a velha Goiás e busco refúgio  
nas grimpas da Serra Dourada me escondo.

De nada vale estar aqui  
a entrada da gruta se fecha  
o corpo por dentro contrai-se  
cresce em espasmos.  
Pequena morte senti.

## **Ascensão e retorno**

Seremos sempre medíocres na planura do chão.  
A altura, a verticalidade espiritualizam o ser  
através de caminhos estreitos, sendas duras  
paredões rochosos, chegaremos ao cimo  
veremos o mundo, lagos e rios dourados  
florestas e campinas azuladas  
a Arca da Aliança a Moisés revelada.

Esticado na laje aquecendo os velhos ossos...  
livre do sorvedouro e bem seguro  
retorno a ver nuvens vadias  
vadiando em fuga  
entre o cimo contemplativo e o vale dos lírios  
dos pastores, da verde vegetação e de ricas colheitas.  
Volto ao princípio com o sol no ocaso  
mas renascerei semeador de esperanças  
no jardim dos deuses  
juntamente com o mesmo sol na alvorada.  
Serei flores, beija-flores, cores e pássaros  
de uma primavera em curso.

Ao devolver meu sopro à origem  
vestirei meu terno de pássaro-preto  
para ressuscitar na pele de um urso  
da mais longa hibernação do universo.  
Lembrar-me-ei de tudo.  
Fartar-me-ei de mel.  
Luto e reluto... mas incorporarei também  
um beija-flor, pequeno gravata-verde  
sempre no texto e no contexto  
de serras, sombras, flores, cores e cantos.



Este livro foi impresso  
na oficina da ASA EDITORA GRÁFICA LTDA.  
No papel: pólen 75g  
Rua 15 Nº 117, Qd. 20 Lt. 13  
Setor Marechal Rondon Goiânia - GO  
CEP: 74.560-420  
Fone: (62) 211-3958